


EUARISTO Lima
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Fornecemos e montamos todo o tipo de Coberturas Metálicas Auto-Portantes
BLOCOTELHA E INTERTELHA

Av. Luís de Camões, 14
9600-563 RIBEIRA GRANDE
Telef. 296.470160
Fax 296.470165
e-mail: evlima@mail.telepac.pt


Peça-nos orçamentos



Suplemento IDEAL

Mário Moura Centrais


Os Primórdios do Futebol na ilha



Os irmãos Manuel e Luís Silva Melo

Oliveira Moura Pág. 10

Diálogos
Luís Raposo



II parte PÁGS. 6 e 7

À cavaqueira com...

Madalena San-Bento



Emanuel Martins PÁG. 8



À VENDA APARTIR DO PRÓXIMO MÊS ...



ESTE VEÍCULO TEM APENAS 1,00 METRO DE LARGURA...

ESTE É O ESBOÇO DO NOVO CARRO QUE IRÁ CIRCULAR NA ESTRADA DA RIBEIRA GRANDE CRIADO POR NÓS, DADAS AS NOVAS CIRCUNSTÂNCIAS...

Cartoon

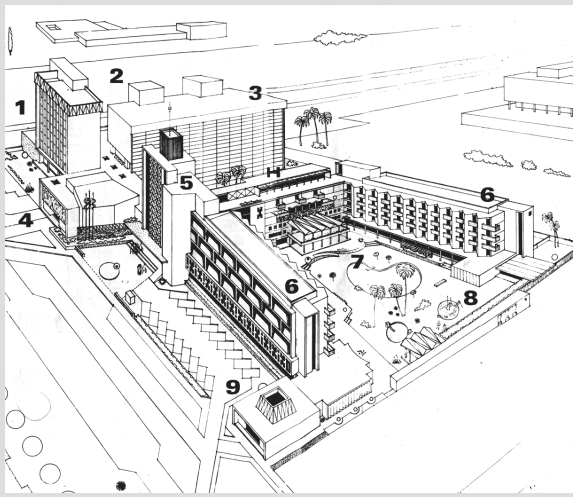
RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º 20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história

Editorial oliveiramoura@mail.pt



Duas Décadas Pacatas: heróis e vilões

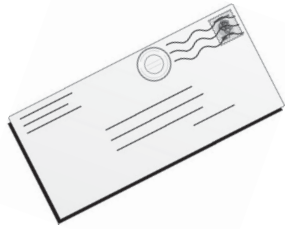
No Ano da Graça de 1981, com comovente candura, um responsável declarava: ‘Os ribeiragrândenses conseguirão dotar a sua cidade com as infra-estruturas necessárias mais cedo do que se julga’ (Correio dos Açores). De facto, cerca da elevação a Cidade da Vila de Ribeira Grande, esta urbe dispôs da possibilidade de fruir de dois Hotéis - de cinco e quatro estrelas, Centro Comercial, Ginásios, etc.-, (‘Correio dos Açores’, 1.01.80 e ‘Correio dos Açores’, 82), de um Parque Industrial - Parque Industrial de São Miguel -, e do seu acesso, a Via Rápida Ribeira Grande/Ponta Delgada.

No Ano da Graça de 2002, os Hotéis fariam vinte anos, um, e vinte e dois, outro, a Via Rápida e o Parque Industrial, por seu turno, festejariam outros tantos. Todavia, não existem Hotéis, a Via Rápida é o insucesso que todos reconhecem, o Parque Industrial vegeta e a Cidade, para uns, por graça de Deus, será pacata, para outros, por desgraça de Deus, será pacata em demasia.

Para os que prezam um estilo de vida pacato, terá sido uma **benção divina**, e os que, ‘por obras ou inacção’, contribuíram para tal estado, serão justamente considerados **heróis**, porque aproveitaram uma ocasião ímpar para **estagnar** a Ribeira Grande;

Para os que desprezam um estilo de vida pacato, terá sido uma **maldição divina**, e os que, ‘por obras ou inacção’, contribuíram para tal estado, serão justamente considerados **vilões**, porque desperdiçaram uma ocasião ímpar para **desenvolver** a Ribeira Grande.

Oliveira Moura



Caixa do Correio

GOSTO do muito do grafismo do jornal “A Estrela Oriental”.

Estou indignado com a situação da sinagoga em Ponta Delgada.

Há muitas pessoas que não conhecem a situação dos judeus açorianos anteriores ao séc. XIX. Muitos de nós perdemos os nossos nomes, dignidade, família, outros se converteram ao catolicismo e criaram o culto ao Espírito Santo em Aveiro a coberto da Rainha vamos nós saber os porquês. O que é certo é que havia pelo menos mais duas sinagogas em S. Miguel, uma em Vila Franca do Campo e outra na Ribeira Grande. A da Vila Franca desapareceu por um Vulcão. Segundo o relato dos descendentes que se encontram no Brasil, fugidos da inquisição. Muitos de nós aqui no Brasil estamos resgatando o nosso passado açoriano. Um verdadeira história secreta da história Açoriana.

Victor Abraão Sagné Rio de Janeiro- Brasil
sagne60@judaismo.com.br

FOI, recentemente, criada no msn.com communities a comunidade em língua portuguesa Açores - Ilhas de Bruma que se destina a todos/as aqueles/as que têm raízes naquelas ilhas ou que se interessam simplesmente por assuntos inerentes aos Açores.

Se quiseres fazer parte desta comunidade e se queres conhecer novos/as amigos/as, inscreve-te. Podes ser gerente da comunidade, colocar fotos pessoais ou das ilhas, etc..

Os interessados/as devem ir para: www.msn.com.br e *clique* em Sites e Bate-papo e procurar a comunidade Açores - Ilhas de Bruma. Todos/as são bem-vindos/as, mas o respeito mútuo é exigido.

Lionking Ontario Canada

DUAS perguntas de um cidadão. Por que se tarda em remover a estrutura metálica de suporte à propaganda eleitoral colocada defronte da igreja do Espírito Santo, ex-libris desta Cidade, se as eleições já acabaram há um mês e se ela lá está desde Outubro de 2000? Por que não se mistura cimento ou algo que ligue ao cascalho dos arruamentos do Parque Infantil, tal como se fez e faz em outros jardins dos Açores?

S. Borges

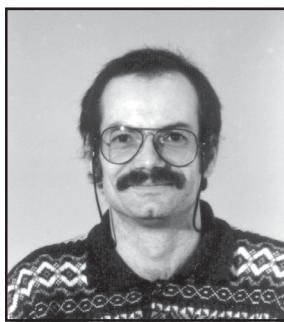
SENHOR Director

Será que pelo facto de o Lusitânia estar, com todo o mérito, na I Divisão Nacional na Liga de Basquetebol, a equipa da Universidade dos Açores não poderá aspirar a tal escalão? Claro que não. Porém, é isso que se depreende da campanha do Sr. Reitor da Universidade dos Açores que, para defendê-la, achou por bem atacar a legítima aspiração da Ribeira Grande a ter um Politécnico. Uma coisa não deve, nem pode excluir a outra. Por isso, força Sr. Dr. António Pedro.

M. Raposo

Plantas Usadas na Medicina Popular (12)

Alecrim



O alecrim era, de acordo com Carreiro da Costa, uma planta muito querida por parte das pessoas ligadas ao campo. Assim, no Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, n.º 15, podemos ler: Nas velhas habitações rurais de todas as povoações açorianas, quem ponha o pé fora da porta da cozinha e passe o pátio do porco, com a “cova do esterco” à ilharga, verá sempre, à beira do atalho, esse pequeno arbusto, sobre cuja copa, de minúscula folhagem, a lavadeira há-de pôr em estendedouro a roupa mais delicada para que a mesma, em secando sobre as chapadas de sol, absorva o seu aroma a um tempo delicado e activo”.

No inquérito que efectuamos em 1992, o alecrim era usado, em S. Miguel, para combater o reumatismo, a rouquidão, os abscessos e “os espíritos maus”. Por seu lado, Urbano Mendonça Dias, em A Vila, diz-nos que o alecrim era usado para “tirar quebranto”. Para tal, com um galho de alecrim fazia-se três cruces nas costas e no peito da pessoa e ao mesmo tempo dizia-se:

*Galho de alecrim,
 Meu galho de encanto,
 Tira deste corpo
 O ar ou o quebranto.
 Em nome do Padre
 Do Filho e do Espírito Santo.*

Família- Lamiaceae

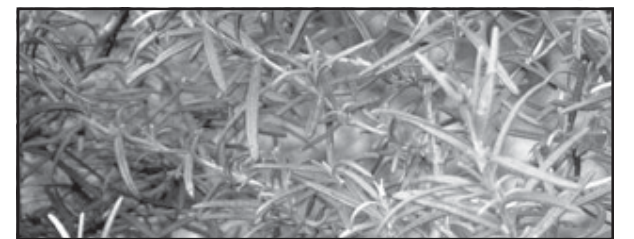
Nome científico- *Rosmarinus officinalis*

Outras designações- Alecrim-da-terra, Alecrim-dos-mortos

Identificação- Arbusto erecto, ramoso, com aroma forte. As folhas são persistentes, coriáceas e lanceoladas e as flores são axilares. É cultivado nos quintais e jardins.

Utilização- De acordo com o Silvano Pereira (1953) o alecrim é usado como tónico e estimulante estomacal e é cultivado junto a colmeias como planta melífera.

Teófilo Braga



Ficha Técnica:

A Estrela Oriental

Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: António Valdemar, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga, João Miguel Fernandes Jorge

Propriedade:

Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L.
 Sede: Centro Cultural de R.Grande

Publicidade: Luís Faria

Contacto: 919020517

Paginação: Francisco Veloso

Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda



Porte Pago

Região Autónoma dos Açores

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

A Juventude na Ribeira Grande



Muitos apelidam a juventude actual como “geração rasca” ou ainda, por serem jovens sem ambição. Contudo, e por pertencer a esta faixa etária, sou forçado a defender, esta fase da vida, a mais bela de todo o nosso percurso neste mundo.

vêm na juventude pessoas sem futuro ou, pior ainda, sem metas nem ambições. A esses “idosos” deixo o testemunho que os tempos são outros e, como tal, a mentalidade dos nossos rapazes e raparigas é totalmente diferente daquela que tinham quando passaram pela mesma idade. Muitas vezes, a falta de continuidade das iniciativas e projectos levados a efeito pelos jovens deve-se, essencialmente, ao precário e quase sempre inexistente apoio das entidades que têm a seu cargo o encaminhamento e orientação da sociedade. Como é que querem que um projecto feito por um

onde os jovens são apreciados e revelam as suas capacidades. É o caso do Sporting Clube Ideal, de onde têm saído muitos dos melhores jogadores de São Miguel; agora recentemente a Casa de Povo da R. Grande, já a nível nacional eleva o nome deste lugar e tem um papel preponderante no voleibol feminino regional; na Academia de Música da R. Grande estão futuros talentos com provas já dadas no panorama musical e que em muito valoriza esta cidade; os grupos de teatro “Amphiteatrum” e “Pontilha” procuram inserir muitos jovens nas suas actuações. E, perdoem-me aqueles que



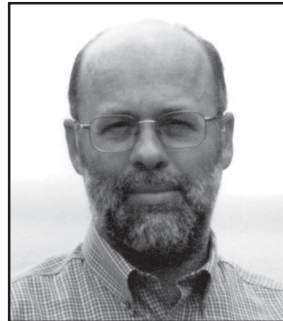
Infelizmente, aqui na cidade da Ribeira Grande, muitas das coisas fundadas por jovens, nomeadamente grupos de jovens e conjuntos de rock, desfazem-se ao fim de pouco tempo. Também há aqueles que por não se sentirem realizados aqui ou, porque os seus sonhos desapareceram com o passar da idade, fogem da nossa cidade rumo aos sítios onde há maior oportunidade e uma maior diversidade de escolhas de vida. Muitos adultos

grupo de jovens, ou que uma banda de rock tenha sucesso se, quem é suposto apoiar estes eventos, não acredita nas suas capacidades? Não se esqueçam que estes são os homens do amanhã. Se os querem afugentar que o façam, mas depois não se queixem nem questionem onde e como estará a nossa juventude. Não quero com este meu testemunho dar um parecer totalmente negativo à nossa cidade. Ainda há, e muito bem, os sítios

em muito contribuem para a actual juventude e que não enumerei. É minha intenção despertar consciências e libertar mais apoios de modo que acreditem em nós, jovens, porque a força de uma cidade é a sua juventude irreverente, corajosa e altruísta.

Alexandre Gaudêncio

Um porta-voz credível



O “A Estrela Oriental” faz um ano de existência. A Ribeira Grande está de parabéns.

O dinamismo de uma sociedade mede-se, também, pela capacidade da mesma para gerar espaços de diálogo, de confronto de ideias e de projectos.

A comunicação social não é, certamente, o único barómetro para medir a pujança de uma

comunidade. Temos as associações cívicas, culturais, desportivas, empresariais, etc.. há os campos culturais e religiosos que são, também, excelentes espaços para reflectir e planear o progresso da comunidade.

As repartições de finanças poderão ter bons indicadores sobre a criação de riqueza; ou, pelo menos, sobre a eficácia dos serviços de cobrança de impostos. Mas uma comunidade rica em bens materiais poderá muito bem ser pobre em termos culturais. Há fartos exemplos de novos ricos pobres em espírito.

Lamentavelmente, a Ribeira Grande, ao longo da sua história mais recente, não tem demonstrado a capacidade, ou não tem tido o engenho para criar os espaços de diálogo que possam ser o espelho do viver dos ribeiragrandenses. O empenhado esforço da “Rádio Nova Cidade” é a excepção que confirma a regra.

Em boa hora, surgiu o “A Estrela Oriental”. É, de facto, louvável a iniciativa dos Drs. Mário Moura e Hermano Teodoro.

O “A Estrela Oriental” é um grito de revolta contra a apatia, o conformismo, o “ver a banda passar” da sociedade da capital do Norte.

O “A Estrela Oriental” é a expressão da vontade e querer de uma geração de ribeiragrandenses que rejeita uma visão da vida que se limita a cumprir horários e rituais e que vê na acumulação de sinais exteriores de riqueza o objectivo último das 24 horas de cada dia que passa.

O “A Estrela Oriental” merece ser acarinhado pelo poder político e pelos empresários da Ribeira Grande. Para que não caia na tentação de se tornar numa “capelinha” de amigos que pensam igual, que agem igual e que votam igual. Levando-o para o rol das efémeras experiências da comunicação social da Ribeira Grande.

A Ribeira Grande precisa de dar um salto qualitativo. Precisa de converter a sua força económica em poder político, cultural e social.

A Ribeira Grande precisa de uma voz credível. O “A Estrela Oriental” bem poderá ser o porta-voz que a sociedade ribeiragrandense necessita.

Lombinha da Maia, Maio de 2002.

Hermano Aguiar

 **Paula**
Gabinete de Estética

Manicure * Pedicure * Depilação
Tratamento de Rosto * Maquilhagem

Rua do Passal, 16 - Matriz
9600-548 Ribeira Grande

Telefone
296 47 42 56

 **SAPATARIA LIMA**

R. Gonçalo Bezerra, 37 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

casa & objectos
Ribeiragrandense

Estamos em frente ao Teatro Abertos ao sábado

AÇORES

 **Vieiras, Lda** 

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
ALVARÁS e ORÇAMENTOS

 **IVL**

Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
Fax: 296 491 732
9600 RIBEIRA GRANDE

Fotolinda
arte em fotografia

Revelações, reportagens, máquinas fotográficas, montagens, etc...

Rua El Rei Dom Carlos, 22
Ribeira Grande
Tel.: 296 472 224



Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residencial

R. dos Condes da Ribeira Grande
 Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858



Com a sua imaginação e a nossa capacidade damos forma à qualidade

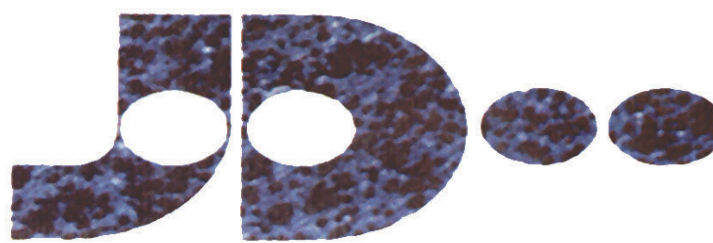


Somos pioneiros na serração de basaltos

Britas e Sarriscas

Areias

Aluguer de máquinas e camiões



Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926
 Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.



Na Galeria Comercial do Hiper Modelo na Ribeira Grande
 Tel 296 474 559

Atendimento Rápido
Serviço de TAKE AWAY
Especialidade da Casa
Comida Caseira e Saladas
Aceitamos Encomendas



A. Machado

Na Compra e Venda de Propriedades quem decide é VOCÊ

296 30 26 50



REFª 1070 - CASA
 Ribeira Seca
 Total do terreno: 266,10 m2
 Construção: 320 m2

Composta no r/chão por hall de entrada, sala comum, quarto de banho, ampla cozinha, quintal e garagem. 1º Piso com três quartos, quarto de casal com quarto de banho privativo, terraço e quarto de banho. 2º Piso com amplo salão. Obs. Com excelentes acabamentos.



Apreciação

Se pretende construção e acabamentos de qualidade e a vossa opção é casa nova... Então ... compreve e invista, a sua família e você merecem.

A Mediação Imobiliária **A NÍVEL MUNDIAL:**

Regional: WWW.AMACHADO.PT

Nacional: WWW.APEMI.PT

Internacional: WWW.FIABCI.COM



REFª 1212 - CASA
 Rabo de Peixe
 Total do Terreno: 70 m2
 Superfície Coberta: 60 m2
 Quintal: 10 m2

Constituída no Rés do chão por bar com sala de jogos, dois quartos de banho e arrumos. 1º piso composto por sala comum, quarto de cama, quarto de serão, cozinha, quarto de banho e pequeno logradouro. 2º Piso com sótão dividido em dois quartos e terraço.

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
 Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

MEDIAÇÃO
 MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

Natalícia Maré
Nuno Silva

Mediação de Seguros, Lda.
 Rua do Passal, nº17B - 1º Piso
 9600 Ribeira Grande
 Telef.: 296 473666

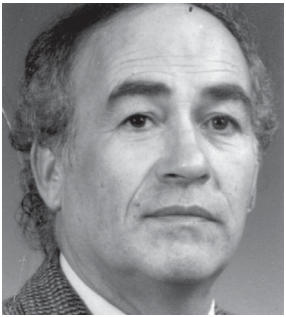
Escolha a melhor opção

ZURICH

LUSITANIA
 COMPANHIA DE SEGUROS, SA

TRANQUILIDADE

Educação e Participação (II)



A globalização tem influenciado algumas comunidades relativamente a pedidos, exigências e até reivindicações descontextualizadas das nossas raízes. Pede-se tudo só porque outros o têm. Pode-se aprender muito com ela, mas é urgente não permitir que se descaracterizem os nossos valores. A educação social poderá ajudar a resolver um certo desfasamento cultural permitindo um re-equacionamento das nossas potencialidades desde que as não deixemos agonizar, permitindo mesmo dar-nos a resposta da sua verdadeira necessidade. Existem vários caminhos para pôr em prática uma educação participada. Um deles, baseado na teoria social da educação, propõe uma consciência ecológica de solidariedade, cuja prática implica a realização de mudanças, que assegurem um desenvolvimento sadio do indivíduo, da sociedade e da natureza. Gatarri defendeu que a solução para os problemas sociais não é apenas a preocupação com os problemas do ambiente, com a melhoria da eficácia das escolas, com a supressão das classes sociais, com as tecnologias e comunicação pedagógica mais eficazes. O que é necessário é uma nova visão do mundo, que passa pelas instituições escolares. Quando se questiona qual é a função da escola, questiona-se a sua complexidade e colocam-se nela esperanças para o futuro do nosso planeta, desejáveis para a transformação das nossas relações com a pessoa, com os outros seres vivos e com a natureza. Esta é a teoria

de educação social. Neste modelo temos que considerar os elementos sociais, a classe dominante, a pobreza, as desigualdades sociais, a destruição ecológica e o impacto tecnológico.

Quais os considerandos deste grupo que estamos preparados para defender ou eliminar? A nossa educação preparou-nos para nos debruçarmos sobre estas temáticas? Com a educação que trazemos para a solução dos nossos problemas, dos outros e da natureza? Qual é a nossa participação?

A mudanças e o progresso que caracterizam a sociedade moderna exigem que as pessoas estejam sempre a aprender para valorizarem os conhecimentos recebidos e procurarem ajustar-se às novas realidades. Nesta desejável constante a educação social exige uma educação permanente. As aspirações da pessoa exigiram sempre conhecimentos mais avançados. Elas não são diferentes hoje, e para as satisfazer precisa-se de uma cultura sempre mais avançada, quer seja científica, técnica ou humana. O grande lema é *“conhecer mais para ser mais”*.

O valor profissional da pessoa depende do tempo que permanecem na escola e do que lá fazem, sendo entendido por uns, como simples capacidade instrumental para actuar, e por outros como aperfeiçoamento do homem para saber usar das coisas e torná-las ao seu serviço. Para além da cultura científica e técnica (que não foi opção tratar aqui) torna-se fundamental preocuparmo-nos com a humana, porque é no dizer de Robles *“aquela em que o povo se apresenta como agente criador e realizador do seu próprio destino”*.

Para além das instituições socio-culturais, o Estado constitui o quadro mais amplo

da educação social. As instituições sócio-culturais, com excepção dos regimes totalitários, têm a sua génese nos valores, atitudes e necessidades das populações. É a participação maior ou menor dos indivíduos e grupos envolvidos que estabelecem a sua origem. A estes caberá fazer as interacções que facilitem a mesma participação. Ao defender as relações contributivas para o desenvolvimento pessoal, profissional e institucional, alerta-se para que na base da participação esteja a valorização da pessoa.

Neste contexto existem preocupações com a religião, ideologia, *status*, classe, “família”, cultura, clubes (associações a que se pertence). Estamos obviamente a falar de associações sem fins lucrativos, de outro modo, tendo em vista apenas bens materiais, estaríamos a construir a nossa prisão.

As leis e a conduta do Estado através dos seus membros dirigentes têm um carácter público, servindo de regras para a conduta do cidadão. Todavia, compete a este participar de modo a que as suas necessidades possam ser transmitidas com o objectivo de atingir o bem comum. Não se pode ou deve responsabilizar os políticos por tudo o que acontece, como é costume fazer-se. Pede-se, e exige-se tudo sem que se dê a nossa participação. As sociedades democráticas permitem atingir a satisfação das necessidades sentidas, o que naturalmente não é possível numa estrutura social totalitária; a menos que a esta se chame democracia. Todavia, está ainda patente a centralização de vários sectores, mesmo nos regimes democráticos, a que não está imune a educação.

A educação social e a participação exigem um ambiente próprio onde a criatividade, a iniciativa, a inteligência e a

liberdade estejam presentes como factores fundamentais para o desenvolvimento. Daí a necessidade dos cidadãos e dos grupos sociais procurarem um equilíbrio entre estes dois conceitos: aceitação da autoridade e até do poder, mas também da luta pela conquista do bem comum, o bem da pessoa. Só assim poderemos ver a educação social mobilizar, através da sociedade, as suas forças, as suas instituições e os meios para que a pessoa humana participe, mas que veja os resultados dessa participação. Esta cultura deverá ser o humanismo dos nossos dias. Não um humanismo exclusivista, mas, aberto, colectivo, comunitário, desinteressado, pluralista e concreto. É esta a cultura que permitirá um enriquecimento no saber, no espírito e na compreensão.

A esquecida doutrina social da Igreja é um bom exemplo do social, quando se pretende falar desta educação, pelo que teoricamente contém, relativamente à sua firmeza, transparência, coerência e actualidade. A dimensão social é na prática frequentemente ignorada. Para João Paulo II a perda da credibilidade da Igreja, estava, e está, no desinteresse que ela tenha votado, e tem, aos problemas sociais. Para o polémico D. António Martins, que foi Bispo de Setúbal, a questão social pode ser resumida na proclamação da dignidade do homem. Imagine-se que é preciso continuar a proclamar a dignidade da pessoa, apesar de muitos, pensarem que ela é um dado adquirido!

Como quis escrever sobre participação, o termo partilha convém-me. Partilhar é participar. Participa-se partilhando. Participa-se e partilha-se com trocas. Não necessariamente com bens materiais, outros bens estão em causa. Aceitemos que precisamos reconhe-

cê-los ou admiti-los. Educar é partilhar, é trocar, é participar. Fazê-lo é conjugar co-envolvendo, e é consciencializar co-responsabilizando.

Se a educação é importante para a participação em qualquer organização social ou cultural, seja esta rural ou urbana, seria desejável que a estratificação não fosse um factor inibidor para a sua concretização. Uma educação de base para todos facilitaria a comunicação e as relações sociais e culturais dos vários grupos profissionais. A existência dessas relações motivaria a necessidade para a procura de instituições que promoveriam a socialização em geral e a educativa social em particular, identificando vários campos de actividade para indivíduos e grupos.

A participação dos pais na escola pode ser mais enriquecida uma vez debatidos os problemas fora dela, mas em preparação para a sua actualização dentro dela. Se os pais querem que a escola ou outras instituições tenham uma intervenção na educação só lhes resta participar, levando as suas preocupações para dentro dela, procurando que as instituições não sejam uma barreira à sua participação.

Educação sem participação tem danificado o verdadeiro sentido da riqueza humana, desperdiçada num tempo presente que passa veloz e quase irreversível, mesmo a curto prazo. A nossa distância, ausência e isolamento dos problemas que nos dizem respeito, quer inconsciente ou deliberadamente tem um preço muito caro: o de deixar que sejam outros que decidam por nós.

Se é isto que queremos, para quê participar?

Mariano Alves 

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 63 64 75 iei.sede@mail.telepac.pt

Diálogos: Doutor Luís Raposo, Director do Museu Nacional de Arqueologia

II parte: a memória dentro da cidade

O Projecto do Museu da Ribeira Grande
A vida e a obra da autora do Arcano Místico



MM: Uma área de 15 metros quadrados no futuro Palácio de Justiça da Cidade de Ribeira Grande, destinada pelo Ministério de Justiça a espaço de memória do antigo Mosteiro de Jesus será suficiente? Não será de o conugar com outras memórias disseminadas pela Cidade?

LR: Deixou-me muito impressionado o imenso espólio recolhido, desde os anos oitenta, pelo Dr. Mário Moura no antigo Mosteiro de Jesus; desconheço o que se encontrou na campanha de Junho a Setembro de 2000. Tendo em conta o que se encontrou, obviamente que é pouco espaço. No entanto, tudo dependerá da filosofia museológica que se pretenda implementar. Pode optar-se, creio que é uma forma correcta de encarar o passado arqueológico, pela disseminação pelo espaço urbano de pequenas janelas sobre o passado, uma espécie de pequenos *flashes* elucidativos da vida destes espaços, uma proposta de abertura para o passado, de modo a mover a curiosidade das pessoas. Assim, pode-se, passe a metáfora, abrir o apetite aos utentes de modo a irem visitar museus. Vi na Ribeira Grande um fontanário quinhentista, que me deixou impressionado, e que é um bom exemplo de uma pequena janela *marcadora* da paisagem urbana.

MM: Esta tem sido a filosofia que tem norteado a actuação do Museu da Ribeira Grande e do seu projecto de musealização. Como exemplo apontaria a proposta de musealização do Arcano

da Ribeira Grande. Propomos a constituição de diversos pólos espalhados pelo espaço da Cidade: a Casa da Freira, que explicará a sua vida, e, simultaneamente, a vida da freira naquele e daquele convento, tal como outros locais de memória daquela religiosa: a casa da avó, a igreja, o altar que ela fundou e outros pontos, que irão cruzar outras memórias de outras pessoas, até à nossa época.

LR: Que não deve dispensar o museu dito tradicional. Há uma nova corrente museológica, com a qual discordo em absoluto, que, a pretexto do museu tradicional como espaço morto, fechado, envelhecido e de silêncio, põe em causa este tipo de museu. Defendo, por isso, que o papel dos museus não se deve circunscrever à exposição de bens do passado, mas também à facultação de pequenos apontamentos espalhados (isso é importante!) pelo território, de modo a que as pessoas fiquem *admiradas*. A formação cultural integral deve contemplar estas duas vertentes. Sou contra um mundo nivelado pela mediania, pela mediocridade. Acho que a sociedade deve organizar-se de modo a dar às pessoas a possibilidade de atingir um determinado nível e, a esse nível, facultar-se-ão as tais *janelas*, que devem existir acompanhadas por explicação histórica espalhada pela cidade, por forma a despertar, principalmente nos jovens, o interesse pelo passado, levando, depois, a pessoa a querer dirigir-se a uma biblioteca ou a um museu. Estou totalmente de acordo com esta perspectiva: haver núcleos em vários locais

que constituam chamadas de atenção e instituições de retaguarda, onde se formam elites. Nós, no Museu Nacional de Arqueologia, temos feito um enorme esforço no sentido de termos as tais exposições temporárias, muito didácticas, não dispensando, porém, outras mais sérias. Não dispensamos a publicação científica e o catálogo.

MM: Quanto à divulgação científica, convém pôr os pontos nos "is": nada se poderá fazer sem o alicerce de uma investigação credível.

LR: Evidentemente. Algo que muito me incomoda é a indústria de conteúdos, que, hoje em dia está muito em voga. Na sociedade mediatizada em que vivemos, existem firmas especializadas na produção de conteúdos, infelizmente quase sempre *ocós*. Temos exemplos de museus que contrataram firmas estrangeiras de conteúdos para conceberem o guião do seu museu, como se ele fosse canadiano, ou russo. Resultado: são mensagens de tal modo estereotipadas e ocas que não despertam aquela relação particular e única entre a pessoa da terra e o passado. A História deve viver muito de uma relação empática com passado.

MM: A este propósito, falei várias vezes com o professor Kenneth Hudson, que está ligado a este tipo de museologia. Nós, no Museu de Ribeira Grande, nunca dispensamos o guia, a pessoa local que acompanha a visita à exposição, porque a exposição é sempre um percurso. Dou-lhe um exemplo: já fizemos porventura

milhares de visitas guiadas ao Arcano, porém, o percurso final, sempre irrepetível, de cada uma dependeu sempre da pergunta inicial.

LR: Não existe um só público, existem vários públicos. O museu só terá viabilidade se tratar cada pessoa como um caso único. Por exemplo, se visitarmos, em Itália, as ruínas de Pompeia e o local onde está exposto quase todo o espólio de Pompeia (Museu Nacional de Nápoles), e se perguntarmos aos nossos colegas italianos eles dir-nos-ão que, isto está publicado, às ruínas vão um milhão e oitocentos mil visitantes por ano, enquanto que ao museu vão trezentos ou quatrocentos mil visitantes. Assim, ao sítio musealizado vão muitas mais pessoas do que aos museus, o que é inevitável. O museu é completamente ilusório, ingénio e utópico. Pretender levar todas as pessoas ao museu nunca será possível, porque, se isso acontecesse, e felizmente que não, degradar-se-ia a qualidade do serviço do museu. Claro que não estamos contentes com o número dos que visitam os nossos museus nacionais. Vão muito menos pessoas aos museus em Portugal do que em outros países da Europa. Portanto, temos ainda muito a fazer, mas nunca devemos transformá-los em sucedâneos de feiras populares ou de Acrópoles de Atenas.

Vazio legislativo

É incorrecto separar os bens arqueológicos dos demais bens patrimoniais

MM: Nos Açores existe um vazio

legislativo no que toca à Arqueologia (a regulamentação da Arqueologia Terrestre), ao contrário do que sucede no continente, e do que se está a preparar na Madeira. A Direcção Regional de Cultura, alertada por nós, decidiu avançar com a regulamentação. Porém, na Região temos Autarquias e Estado, por conseguinte, haverá que harmonizar as competências: o Estado terá a jurisdição sobre os monumentos de interesse nacional e haverá, também, o espaço para a Região e as Autarquias. Como se poderá articular sem atropelos estes três níveis de administração?

LR: Há pouco tempo tive a oportunidade de reflectir sobre isso, porque me foi pedido pela Direcção da APA (Associação Portuguesa de Arqueólogos), de modo a elaborar um parecer que esta associação apresentou a pedido da ARCHAIS, na Madeira, Associação de Defesa de Património daquela Região, na perspectiva da legislação regional da Madeira. O património cultural é uma disciplina integrada. A Arqueologia não se pode pôr à parte do resto do património. Pela primeira vez, com a Lei de Bases do Património, instituiu-se a ideia de estudo de impacto arqueológico, separando-o do estudo de impacto ambiental geral. Isto pode parecer muito bom, porque dá mais importância à Arqueologia e aos arqueólogos, mas não necessariamente. Para nós é perfeitamente claro que um valor arqueológico tem que ser *negociado* com outros, pertencentes ao foro do património cultural e ao do ambiental. Numa determinada situação, por exemplo, se um

Diálogos: Impacto arqueológico e fuga de responsabilidades

Mário Moura

bem ambiental entrar em conflito com um arqueológico, poderá ser mais importante preservar a paisagem natural, ou até ser possível conjugar as duas coisas. Uma primeira premissa, relativamente a esta matéria será, a de uma visão interdisciplinar do património. Uma segunda questão, relacionada com esta primeira, é a de que se deve respeitar a tecnicidade própria de cada um dos domínios disciplinares. Não se pode pretender que sejam os arquitectos a avaliar sítios arqueológicos ou arqueólogos a avaliar obras de arte ou monumentos arquitectónicos. Tem que haver respeito pela dignidade e autenticidade disciplinar em cada uma das áreas envolvidas. Terceira ideia, os níveis de decisão devem ser o mais possível democráticos, ou seja, devem envolver três componentes: o técnico, o político e, de algum modo, o cidadão. Não sendo possível a democracia directa permanente, devem-se instituir mecanismos de representatividade da sociedade.

MM: A própria Lei de Bases prevê uma certa democracia directa.

LR: Exacto. Porque, por exemplo, o direito à acção popular, o direito à manifestação e à defesa do património está consagrado na Constituição Portuguesa. Mas, é claro que, em domínio de tecnicidade, tem que haver a chamada sociedade civil, que fala através dos mecanismos que ela própria vai gerando para exprimir a sua sensibilidade, tecnicamente informada. No caso do património, serão as associações de defesa do património, as associações profissionais, as científicas, as universidades, os museus públicos ou privados, autónoma e livremente geridos, que o devem fazer. A sua opinião deve ser acarinhada, ouvida e tida em conta.

Impacto arqueológico e fuga de responsabilidades

MM: Ao se pretender intervir no

tecido urbano, a lei exige o estudo do impacto arquitectónico. Com a nova exigência de estudo de impacto arqueológico não se correrá o risco de virar o público contra a Arqueologia?

LR: Hoje em dia, a legislação europeia já obriga a que os estudos de impacto ambiental tenham uma componente arqueológica. E precisamente porque já existe este enquadramento legal, não vimos a necessidade na APA de se separar a componente arqueológica da ambiental, porque seria uma forma de criar mais despesa e burocracia.

MM: Com os programas POLIS, URBCOM, PROCOM e outros, vamos em breve gerar uma imensa 'cacolândia'. Que fazer deste espólio? Julgo que um dos propósitos do IPA é a constituição de Arquivo Arqueológico Nacional. O problema vai colocar-se não só a nível nacional, mas também a nível regional e concelhio. Que acha disso?

LR: Toda a intervenção arqueológica, em termos da sua autorização, fiscalização e dos relatórios que daí advenham, seja por que fundos e enquadramento financeiro for, teria que passar apenas por um organismo. No caso do continente é o IPA (Instituto Português de Arqueologia), aqui no Açores acho que devia criar-se um organismo responsável por esta função, independentemente do projecto ser financiado por verbas europeias, nacionais, regionais ou locais. A centralização é fundamental para se conseguir padrões de qualidade, ao nível da preservação e do estudo eficaz da memória. Este organismo regional, utilizando os modelos nacionais, para a intervenção arqueológica, devia ter funções de monitorização do território insular, de manter actualizada uma carta arqueológica da Região e definir legislação específica Regional. Outra função deste organismo seria a de instruir (secretariado) processos,

do que poderia ser um plano de investigação Regional na área da Arqueologia.

No continente, nas atribuições deste Conselho Superior de Arqueologia, que a APA sempre tem defendido, constava, precisamente, a colaboração com as Universidades, a avaliação dos cursos existentes e a sugestão de desenvolvimentos curriculares na área do ensino da Arqueologia. Neste momento, no continente, há falta de arqueólogos. Um problema que nos debatemos. Pela primeira vez, encontrei, no *Diário de Notícias*, um anúncio a pedir o concurso de arqueólogos.

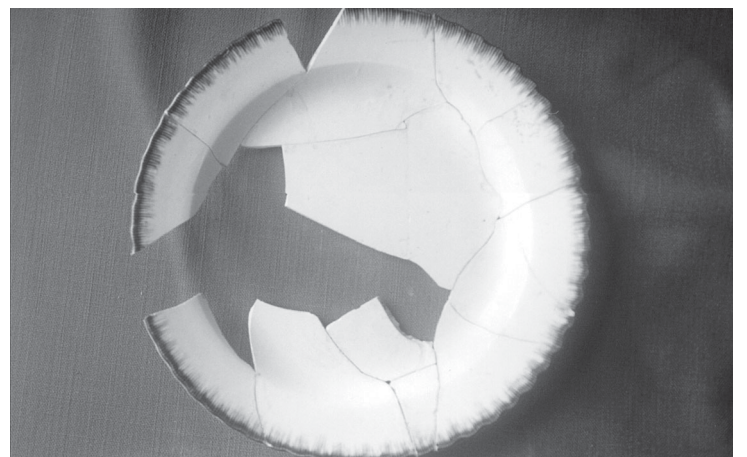
MM: Ao nível de Gabinetes de Arqueologia concelhios, muitas Câmaras do país têm o seu, apesar de muitos estarem em dificuldades, o que é que aconselharia a uma pequena Câmara como a de Ribeira Grande?

LR: O modelo que se começou a implementar no continente, e talvez seja o adequado para aqui, para sermos realistas, não é o de cada Câmara ter o seu Gabinete de Arqueologia ou o seu arqueólogo. No continente houve, e ainda há, a fase dos GAT' S. Portanto, em termos mais realistas, poderia ser a Associação de Municípios a arranjar "ninhos" ou 'pools' de autarquias mais pequenas, onde, em conjunto, poderiam ter um gabinete com arqueólogo, um assistente de arqueólogo (não precisa muita gente). A pouco e pouco, à medida que estes gabinetes fossem crescendo, poderiam ir-se segmentando.

“É incorrecto separar os bens arqueológicos dos demais bens patrimoniais”



Campo arqueológico do Mosteiro de Jesus: parte dos alicerces da antiga cerca conventual



Campo arqueológico do Mosteiro de Jesus: cerâmica inglesa oitocentista



Campo arqueológico do Mosteiro de Jesus: cerâmica portuguesa seiscentista

Administração de Condomínios

Servimovel
Rua do Laureano, nº374 - 9500-319 Ponta Delgada
Telef. Nº 296 38 39 44 - fax nº 296 38 38 35
Telemovel nº 91 90 20 517

Deixe conosco nós tratamos de tudo

JOSÉ DO COLTO, LDA.

AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ◆ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ◆ FAX: 296 470 419



À cavaqueira com...

Madalena San-Bento

“Tento sempre ser fidedigna porque tenho muito respeito pelo passado”

Desde que me predispus a aceitar colaborar neste jornal e a manter esta coluna o nome da senhora doutora Madalena Moniz Faria Lobo San Bento sempre esteve na minha mente. Não só porque, pelos ecos que me chegam, ser uma óptima profissional e por já ter obra escrita publicada e até galardoada, apesar da sua juventude, mas também por termos algo em comum: *o gosto pela História*.

A senhora doutora Madalena San Bento aceitou receber-me e partilhar comigo alguns momentos do seu muito ocupado tempo, pois além dos seus afazeres profissionais, do seu hobby de investigação e escrita, é mãe de família: dois filhos do seu primeiro casamento, e estava grávida de uma menina que, quando este artigo vir a luz do dia, já nasceu e chama-se Aurora. Hoje, devo parabenizar a Madalena, o seu marido, Miguel, os seus filhos, Rómulo e Luana, seus pais e sogros. Para todos eles o meu mais profundo parabém pelo nascimento feliz da menina que veio, certamente, preencher a lacuna que existia nas suas vidas.

Recebeu-me como uma senhora, com muita simpatia e jovialidade, serviu-me um néctar escocês, envelhecido e de muito boa qualidade, é claro que não me acompanhou neste particular devido ao seu estado de gravidez. Depois da troca de cumprimentos – foi a primeira vez que falei pessoalmente com a minha interlocutora -, passamos a falar de muita coisa, sobre o seu passado, o presente e projectos para o futuro. Confesso que gostei muito de conversar com uma senhora que, apesar de ser muito mais jovem do que eu, possui das coisas uma visão muito própria, firme e fundamentada. Das palavras que normalmente fluem da sua boca pressente-se uma cultura geral muito grande e ecléctica, qualidades que vão rareando nos nossos dias de tecnocracia e de especialização específica.

Assim fiquei a saber que a infância da Madalena foi a



Marta, Marina e Madalena San-Bento

mais simples e deliciosa possível, passava muito tempo em casa dos avós, na Ribeira Seca, onde provou as delícias de uma vida campestre, pois a casa era numa quinta, com muitas plantas e animais domésticos à mistura. Aí convivía e brincava com as irmãs e primos. A escola primária, em virtude da profissão do pai, foi feita na Terceira e na Madeira. O ensino secundário fê-lo na Antero de Quental. A formação Universitária, por opção sua, cursou-a na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada. Disse-me que primeiro havia optado pela investigação histórica mas depois decidiu mudar para o ensino.

Hoje é professora de Português e História do 2º Ciclo, na Gaspar Frutuoso, e diz que não se arrepende de ter dado uma volta nas suas intenções iniciais pois considera que “existe uma grande dose de criatividade no ensino” e por isso se sente realizada na sua profissão.

Depois passamos a falar dos seus livros já publicados e a publicar. Começou por afirmar assim: “Nos meus escritos tento sempre ser fidedigna, porque tenho muito respeito pelo passado e a minha inclinação pelas coisas tem sempre a ver com a vertente histórica.”. E assim de uma maneira sucinta e simples deu-me a conhecer as duas gran-

des vertentes que norteiam a sua actividade literária: a verdade das coisas e o respeito pelo legado dos nossos antepassados.

Apesar de ter sempre em mente publicar, um dia, o resultado das suas investigações históricas houve um motivo que originou a publicação do seu primeiro livro: “*Os Expostos*”, o concurso, a nível nacional, ao Prémio Nacional Vitorino Nemésio, organizado pela SREC. É um romance desprezioso, sobre o Ciclo da Laranja e a presença dos ingleses que tiveram muita influência na vida social e económica de São Miguel. É ainda, nesta altura, que começou-se a sentir a influência dos primeiros judeus que, também, para cá vieram concretizar a sua diáspora universal.

Segundo o feedback que colhi, da minha simpática colocutora, foi um livro escrito com um bocado de angústia pelos seguintes factos: foi o primeiro e destinava-se a um concurso a nível nacional. Felizmente para a escritora e para todos nós, “*Os Expostos*” foi a obra galardoada com o 1º Prémio. Ela não o diz, mas deve sentir-se muito orgulhosa com este facto. Eu também, mais que não seja pelo facto de ser uma escritora do meu concelho.

“*Esta Santa Casa*” foi o seu segundo livro que publicou. Foi escrito a

pedido da “Mesa” de então a fim de “marcar” as comemorações dos 450 anos daquela vetusta Instituição de Solidariedade Social. Este livro só esteve sujeito à gestão do tempo porque de resto: a redacção, a composição, a grafia e a estética do mesmo, todos estes itens foram entregues à responsabilidade da autora.

A minha jovem amiga aproveitou para dizer que nos arquivos da Santa Casa da Misericórdia existe um manancial de informações que é pena não ser mais exploradas pelas pessoas. É verdade que os responsáveis por aquela instituição têm tido cuidado em conservar aquele espólio, mas devia haver um acordo com a Universidade dos Açores para se aproveitar aquela riqueza que se mantém estática e desútil.

Já está concluído, no prelo a bem dizer, uma terceira obra literária desta minha entrevistada. É uma obra que se passa em São Miguel dos anos trinta do século XX, época, segundo

a doutora Madalena muito rica em termos culturais e sociais na nossa ilha, as pessoas vivem num frenesim social e cultural muito interessante: muitas festas, exposições, chás, recepções em salões aconteciam então. Foi também a época de Domingos Rebelo, Canto da Maia. A vivência de então foi marcada por duas correntes: os tradicionalistas e os progressistas, sendo estes últimos os responsáveis do progresso de então. Como é óbvio a Madalena não me quis dizer o nome deste livro a publicar, o que achei correcto e fez-me não insistir para satisfazer a minha/nossa curiosidade. Veremos quando o livro vir a luz do dia.

Depois pedi que me falasse dos seus dois filhos: o Rómulo e a Luana, visto que a Aurora ainda não tinha nascido. Notei que é uma “mãe babada” e foi com uma expressão de grande felicidade que me disse que a sua Luana já publicou um livro de poemas sendo a professora do primeiro ciclo,

D. Carmindo, a grande responsável pela publicação. O Rómulo também tem queda para escrever mas é um pouco mais descuidado e mais reservado, um dia publicará coisas lindas, estou certo.

Disse-me, de seguida, que não era supersticiosa mas essencialmente religiosa. Solicitei-lhe que me definisse a Ribeira Grande hodierna e ripostou-me afirmando corajosamente que é uma sociedade muito pedante, pouco culta, a caminhar muito lentamente para melhor. É uma sociedade muito “Pão e Circo”. E continuou afirmando que a culpa não é apenas das pessoas, os governantes, autarcas e demais responsáveis não estão ilibados de culpa.

Por fim pedi-lhe que me descrevesse o conceito de “Qualidade de Vida”, ao que me ripostou que era viver como se vive nas ilhas por oposição aos grandes meios. Tem-se mais tempo, mais qualidade versus quantidade e mais calma para viver e saborear a vida.

Achei por bem terminar a minha entrevista por aqui, embora gostasse de continuar a cavaquear muito mais tempo com uma tão simpática, culta e óptima comunicadora como é a doutora Madalena San Bento. Mas porque também era minha obrigação respeitar o seu tão avançado estado de gravidez apresentei os meus agradecimentos e agradei-lhe o tempo que me disponibilizou. De certeza que muito mais haveria a dizer sobre tão culturalmente rica senhora, mas... *La Noblesse Oblige!*

Emanuel Martins

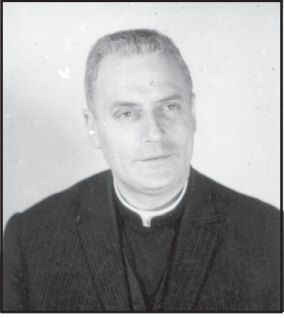


*Boa Gastronomia
com o Mar
Como Horizonte*

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

Aos Novos III

A Educação



Volta à barra da comunicação social, o eterno e sempre novo, problema educacional.

Todos se querem envolver, como em campo internacional, com armas e bagagens: os que têm de intervir por ofício próprio; os que não têm esse ofício mas reclamam-no; os que alimentam fins específicos e até velados; os que descuram o dever próprio para se alvorearem em mestres, enfim, toda a gente vem trazer uma acha para a fogueira e, prouvera a Deus que ardendo, se faça alguma luz.

Em que consistirá a verdadeira educação?

Alguns, em tentativa de acertar, eliminam conceitos negativos que se podem pôr de parte. Assim, comparar seres humanos, com personalidade a acentuar-se, com árvores e arbustos no reino da simples natureza que, crescendo pela lei da vida, têm de se lhes podar os ramos distorcidos, prendê-los à terra para lhes dar uma inclinação correcta, é um erro. Aqui surge um conceito mais adequado: educar, é simplesmente descer ao nível do educando, compreendê-lo e traçar-lhe um perfil psicológico mais pertinente e que nos habilite a esperar na vida também a crescer, por melhores benefícios.

Será este, o trabalho dos pais e educadores.

Está provada que a casa dos pais, é a escola dos filhos.

Recorrendo ao texto da administração do Sacramento do Matrimónio, usado nos meus primeiros anos de sacerdote, tempos tão diferentes do mundo de hoje que se curva perante os novos valores da economia de mercado, das grandes multinacionais, todos na avidez do lucro.

Dizia o sacerdote aos novos cristãos que iam juntar para sempre as suas vidas, pobres dos recursos naturais, mas ricos na sua fé: “Não podeis transmitir a vossos filhos, tesouro mais precioso, do que educá-los na prática das virtudes cristãs e sociais, dando-lhes vós, o bom e eficaz exemplo da vida cristã”. Não havia valores materiais a transmitir mas, subsistiam os morais, da religião, da cultura, da família, da pátria em que todos acreditamos. Quando a Escola Secundária da Ribeira Grande, onde me efectivei, inaugurou novas e condignas instalações, com a presença do Senhor Secretário Regional da Educação e Cultura em representação do governo, tive de passar a minha mensagem, pois foram oito anos no Conselho Directivo

e trinta e cinco em que leccionei nas escolas da Região. A mensagem era para os alunos e consistiu em lembrar um recado que o Presidente da República, dr. Jorge Sampaio, mandou ao governo e aos responsáveis nas escolas: “Não se façam experiências com a educação”. De que valem as escolas sem professores na altura, é o mesmo que dizer das nossas igrejas sem padres que estejam à disposição do povo. Pois as experiências continuam na ordem do dia e até parece não terem fim.

Querendo continuar a escrever para os novos desta nossa cidade, na “Estrela Oriental”, foram os jornais que há pouco me vieram às mãos, a fornecer o tema que me propus tratar e a que juntei outros que conservava sobre o mesmo assunto.

Vamos transcrever o que disseram os jornais:

Um pequeno boletim paroquial da freguesia de São José de Ponta Delgada, da iniciativa e responsabilidade do sr. cónego José Garcia que aqui já esteve à frente da nossa freguesia Matriz e que guardava em pasta própria para dele lançar mão, quando abordasse o tema respectivo, em seu número 25 do p. 2001, denunciava: “A educação começa a preocupar muita gente.

Talvez, porque os sintomas da sua ausência dão nas vistas e causam problemas. Pessoas de todos os quadrantes intervêm hoje em debate público sobre a educação.

Ainda bem. A educação é tarefa de todos os membros responsáveis da sociedade e, se alguém tem maior responsabilidade, são os pais. A tarefa da educação também nos diz respeito a todos nós cristãos, membros da Igreja e coloca-nos alguns desafios. Sempre a Igreja se preocupou pela cultura e pela civilização, pela formação das pessoas e das comunidades”.

E aqui está casualmente, a resposta ao meu jovem colega, pároco da Fajã de Cima que, hoje 31-3-2002, domingo de Páscoa, quando começava a escrever estas nótulas, olhava para o Açoriano Oriental e lia a mensagem que lhe terá saído talvez inadvertidamente, de que a Igreja de que foi feito ministro, se tem preocupado mais em “condenações e moralismos”.

Como aceitar passivamente esta afirmação?

Refere-se o meu colega aos tempos que correm ou aos que já constituem a história da Diocese com já cinco séculos de existência? Deixo-lhe a defesa dos que correm, porque também não os seiler nem interpretar e fico com a outra que a história aceitou e sobre a qual já pronunciou o seu veredictum. Aliás, o epílogo do citado boletim paroquial de São José de Ponta Delgada, já oferece uma resposta virtual.

Demais, os ataques à Igreja, partem geralmente de quem desconhece a sua estrutura e a sua actuação.

Foi pobre entre os pobres, pediu esmola, sirva o preclaro exemplo do D. Frei Estevam de Jesus Maria que governou a diocese no episcopado mais longo e na vida política mais turbulenta, de 1827 a 1870. Foi o fundador do Seminário Diocesano e pediu oficialmente esmola para o Asilo de Mendicidade de Angra e de cuja direcção era presidente e para o Asilo da Infância Desvalida.

As conferências de São Vicente de Paulo para homens, foram fundadas pelo deão da Sé, dr. José dos Reis Fischer e para as senhoras, pelo último bispo da monarquia, D. José Correia.

Vieram os tempos difíceis da república, a Igreja ficou reduzida à estaca zero e foi a magnanimidade do clero açoriano a trabalhar na Nova Inglaterra, a proporcionar meios para adquirir um seminário e paço episcopal. O último bispo a morrer na diocese em 1922, residia em casa de renda!

Poderá chamar-se a esta igreja de condenações e moralismos? E já me iria afastando do tema desta mensagem aos novos. Tudo a propósito e em defesa da Igreja no campo da educação. Creio que valeu a pena! Não fora a acção da Igreja que tão profunda se fez sentir no mesmo campo e que me obrigou a várias considerações. Voltamos à imprensa diária: Todos os jornais, em denominador comum, apelam a mais e melhor ensino.

E, começemos por um jornal do

interior do país “Jornal da Beira”, por sítios ainda são e com a bandeira: Por Deus e pela Pátria. Em edição de 21 de Março p.p., atirava à publicidade:

“O actual sistema educativo é um crime e um ultraje” e justifica: ausência de valores, preguiça, incapacidade e controversa gestão. Importa preparar os jovens para enfrentar o mundo do Trabalho com um diploma para o exercício de uma vida digna sem o labéu de um ensino superior de segunda. Hoje não se pode prescindir deste ensino Técnico. O mesmo semanário em 21 de Fevereiro p.p., Dia da Universidade Católica, lamenta gastar-se dinheiro sem resultados e preconiza: recuperar qualidade e exigência no ensino e dizer-nos que a universidade não é tudo.

Em 25 de Fevereiro p.p., o mesmo semanário, considera a reforma do ensino, inadiável e informa que foi destinada à educação uma das mais gordas fatias do O.E., confirmando-se mais uma vez que o sistema educativo continua a ser uma das paixões dos governantes, pois sabem que uma nação vale o que valem os seus homens e estes são o que for a sua educação.

O semanário – Reconquista – de 8 de Fevereiro p.p., refere-se ao lançamento do livro do ex-ministro da Educação, Eduardo Marçal Grilo, num prestar contas ao país, na sua passagem pelo Ministério da Educação. Os vários temas focados, segundo um analista literário, são o segredo do sucesso do livro, indo já nos dez mil exemplares vendidos.

O mesmo semanário em 15 de Fevereiro p.p., como título – Escola debaixo de Fogo – apresenta um tema de muita conotação e acaba por afirmar perante as estatísticas do insucesso escolar que o ensino secundário não prepara os jovens para a vida. E outras razões se apontam para justificar um panorama desolador, como: aumento rápido da população escolar; condições deficientes do ensino – aprendizagem; a formação de professores que não acompanhou as necessidades pedagógicas e reformas sobre reforma, sem devida preparação. E aqui termino o que se contrapõe ao ensino educativo existente e volto a proclamar as duas mensagens que bem podem resumir este trabalho:

A casa dos pais é a escola dos filhos.

Não se façam experiências com a educação.

Num segundo capítulo, a seguir a este trabalho, vou oferecer à consideração dos novos, nomes e perfis de grandes protagonistas da educação.



Futebol em São Miguel I

Em busca dos primórdios

Como forma de homenagear todos os atletas, sejam quais forem os escalões, e os dirigentes e adeptos do *Sporting Clube Ideal*, pela quinta vez campeão sénior da Associação de Futebol de Ponta Delgada, bem como de louvar todos os dos demais clubes do Concelho e das Ilhas, daremos início a uma série de artigos sobre a História deste desporto na nossa ilha. Tentar-se-á, de modo sucinto, de acordo com os documentos disponíveis, explicar aos nossos leitores, o **quando**, o **quem**, o **onde** e o **como** terá surgido o futebol na nossa ilha e, no nosso caso, na Ribeira Grande. Deixaremos o **porquê** para outra ocasião. Tal ensaio, é bom reter desde já, não exclui outras possibilidades de interpretação, já que, não será totalmente crível que, dado os laços estreitos entre a Inglaterra e os Açores, o futebol não possa ter sido anteriormente praticado nos Açores, em São Miguel ou mesmo na Ribeira Grande.

Quando se iniciou a prática do Futebol na Ilha de São Miguel?

Os testemunhos de que dispomos para historiar os primeiros passos do futebol na Ilha de São Miguel, António de Barboza Kopke Ayalla e Luís Bernardo Leite de Ataíde (1883-1955), divergem quanto ao ano da sua introdução. Enquanto Ayalla, antigo *guarda-redes*, adianta, em 1924, peremptório o ano de 1895, Luís Bernardo, *half-back* destes tempos e etnólogo probo, aponta, em 1949, afirmando não ter a certeza, o ano de 1897. Refira-se que, na altura em que ambos registam os seus testemunhos, grande parte dos intervenientes iniciais reside na ilha. Não se conhecem discordâncias públicas destes ao segundo dos dois depoimentos, contendo, porém, este último algumas divergências com o primeiro. Estamos, todavia em crer, pelo facto de Jácome Correia ter sido um dos entusiastas iniciais, que uma pesquisa ao arquivo da Casa Jácome Correia, ou ao dos outros companheiros, por certo, nos traria informação mais precisa. Seja como for, pesquisando os periódicos da época disponíveis nas bibliotecas públicas da ilha, desconhecemos se correspondem a todos os títulos que se publicaram, começamos a encontrar referências públicas sistemáticas a este novo desporto no jornal *Diário dos Açores* a partir de 22 de Julho de 1898. Reza a notícia: *'Hontem de tarde, em S. Gonçalo, jogouse muito animadamente o football ao qual assistiram muitos espectadores, entre os quaes se viam muitas senhoras. Jogaram dois grupos de dez jogadores cada um, sendo capitães os srs. Alfredo Augusto Pinto e James Darlymple [?]. O resultado foi igual para ambos.'*¹

Assim, insistimos, pelas provas de que dispomos, será prudente afirmar com reservas

que, salvo prova em contrário, o início terá ocorrido algures entre os anos de 1895 e de 1898.

Onde terá ocorrido a primeira partida de Futebol?

Ambos os depoimentos citados referem a Cidade de Ponta Delgada como o local inicial, porém, Ayalla indica especificamente o Colégio Fisher e o 'Campo das pedreiras' do porto artificial de Ponta Delgada, ao passo que, Luís Bernardo alude ao 'Campo dos Porcos', em São Gonçalo, igualmente em Ponta Delgada. Certo é que terá sido na Cidade de Ponta Delgada.

Como terá o futebol surgido na Ilha?

Ayalla atribui a iniciativa a um grupo de estudantes do Colégio Fisher, Luís Bernardo, por seu turno, a um grupo de ex-estudantes micalenses na Inglaterra. Ambos, porém, são unânimes na atribuição de papel fundamental ao Padre inglês Jaime, professor do Colégio Fisher e a dois funcionários ingleses do Cabo Submarino: Dalrímple e Wilkinson. A bola, para Ayalla terá vindo de Inglaterra por *intermédio* do Padre Jaime (não diz exactamente quem a trouxe), Luís Bernardo, pela sua parte, afirma ter sido Dalrímple. O que não anula o que diz Ayalla. Quanto ao grupo original, cremos que ambos poderão estar certos, já que nele estão notoriamente incluídos os que estudaram em Inglaterra como os que estudavam ou estudaram no Colégio Fisher.

Os vermelhos e os azuis, primeiro torneio local e encontro internacional.

Como o entusiasmo crescia, estando a decorrer em S. Gonçalo um torneio para atribuição de medalhas, a 27 de Novembro de 1898, no Café Teatro, em Ponta Delgada, noticiava-se, ainda no *Diário dos Açores*, que parece ter desempenhado um decisivo papel de difusor deste novo desporto: *'houve uma reunião dos «footballers» d'esta cidade, comparecendo todos os jogadores. Foi resolvido formar-se um club, ficando eleitos para a direcção os seguintes cavalheiros: Representantes do grupo azul srs: Conde de Jacome Correa, Harri H. Wilkinson, Francisco Leite do Carvalhal, Jacintho Bicudo e António da Câmara, e do grupo vermelho: srs. James Darlymple, William Foley, Ernesto Pinto, Manuel Silva e Guilherme Leite Machado [...].'*² Ficou agendada uma outra para o dia 29, no Palacete do Conde Jácome Correia.

É de presumir que a primeira selecção de futebol micalense tenha actuado em 1899, com seis jogadores da equipa azul e cinco da vermelha, contra uma equipa de ingleses, formada por oficiais de dois navios ingleses surtos na ilha, talvez na baía de Ponta Delgada. A vitória de cinco a um para os

locais constituiu o primeiro triunfo micalense.³ Num outro encontro, de novo os micalenses venceram, desta vez por um a zero.⁴

Quando ocorreu a primeira partida na Ribeira Grande?

Muito próximo do que decorria em Ponta Delgada, não encontramos referência a outros locais da ilha, a 6 de Janeiro de 1899, dia de Reis, terá ocorrido a presumível primeira partida pública registada na Ribeira Grande.

Onde terá ocorrido a primeira partida na Ribeira Grande?

No recinto em que, com uma breve interrupção na década de trinta, e esporádicas actuações na Avenida Luís de Camões [desconhecemos o local exacto, talvez no espaço da fábrica da Chicória, ou no espaço de frente, ou ainda, segundo Armindo Moreira da Silva, no próprio campo das reses], se manteve até 1951:

*'no campo das rezes d'esta villa, houve exercício de football.'*⁵

Quem dinamizou o futebol na Ribeira Grande e de onde veio a bola?

Ainda e sempre o *Diário dos Açores*, vejamos:

*'um grupo de rapazes ribeirão-grandenses, mostrando tal entusiasmo por aquelle jogo que vão requisitar uma bola de Inglaterra, para jogarem todas as quintas-feiras e domingos de tarde. A pedido dos entusiastas footballers ribeirão-grandenses, o sr. José de Carvalho [back dos vermelhos de Ponta Delgada?], trouxe uma bola d'essa cidade pertencente ao sr. Ernesto Pinto [jogador do team vermelho de Ponta Delgada], e foi com ella que tiveram, hontem [6 de Janeiro de 1899], o seu primeiro exercício, no qual admirámos a certeza de ponta-pé de muitos dos novos jogadores. Como aqui não há rapazes que conheçam as regras do jogo de foot-ball, e ninguém também que o saiba jogar com verdadeiro methodo, pedimos aos dois dignos capitães dos grupos 'azul' e 'vermelho', srs. Conde de Jacome Corrêa e James Darlymple, a alta fineza de virem amiudadas vezes a esta Villa ensaiar os rapazes, porque assim, a breve tempo, a julgar pelo entusiasmo com que jogaram hontem, tornar se hiam optimos jogadores. Esperamos que o sr. Darlymple, como o primeiro entusiasta n'este género de jogo, acceda gostosamente ao nosso pedido.'*⁶

Quem terão sido os primeiros atletas ribeirão-grandenses?

Creio que alguns ribeirão-grandenses, entre outros possíveis, como será o caso dos irmãos Manuel e Luís da Silva Melo, referidos por Ayalla, ou possivelmente o Sr. José Carvalho, desconhecemos a

sua ligação à Ribeira Grande e se o que aparece referido como impulsor na Ribeira Grande é o mesmo referido para Ponta Delgada, e mencionado por Luís Bernardo, teriam, os primeiros seguramente no Colégio Fisher e o terceiro, já praticado aquele novo desporto em Ponta Delgada.

De qualquer modo, a constituição das primeiras equipas teria sido a que se segue:

*'Foram os seguintes os rapazes que hontem jogaram Jacintho Moniz, Francisco de Paula Velho de Mello Cabral Jr., Diogo Tavares Velho de Mello Cabral, Humberto Borges, António de Sousa Nuno, Hermínio de Mello, Manuel Rodrigues, Manuel d'Arruda, António de Sousa Cavaco, Dinis Tavares de Mello, José de Sousa Nuno Jr., Silvano Machado Carneiro, Luís Gonzaga Rapozo, José Duarte, Manuel Ignacio Lopes, João da Ponte e José Jacintho Jacome. Para fazer o número de 22 jogadores, ficou encarregado o sr. Humberto Borges de M. Cabral de falar a mais alguns cavalheiros. Ribeira Grande, 7 de Janeiro de 1899. Um Ribeirão Grandense.'*⁷

As primeiras equipas ribeirão-grandenses: os Amarelos e os Verdes

Entretanto, a 21 de Maio de 1899, já se haviam formado na Ribeira Grande duas equipas: os **amarelos** e os **verdes**. Naquela data, agora no 'campo da avenida Luís de Camões', os **amarelos**, capitaneados pelo Sr. José Carvalho, ganharam por dois a zero aos **verdes**

capitaneados por Francisco de Paula. Tendo havido numerosa concorrência de senhoras e de cavalheiros.⁸

Primeira saída: derrota em Ponta Delgada

A 1 de Junho de 1899, atletas da Ribeira Grande, pela primeira vez, deslocam-se a Ponta Delgada, onde, em São Gonçalo, são derrotados por três a zero por uma equipa de Ponta Delgada. Do grupo da Ribeira Grande faziam parte: José Carvalho, capitão, João Borges, Humberto Borges (guarda-redes), Francisco Paula, Manuel Pereira, Manuel Rodrigues, António de Sousa Cavaco, Egas Paulo da Rocha, Jacintho Moniz, João da Ponte e Silvano Machado Carneiro.⁹

Exibição pública na Ribeira Grande, entre um grupo local e outro de Ponta Delgada, para fins caritativos

A 9 daquele mesmo mês de Junho, no campo da avenida Luís de Camões, a benefício do altar de Nossa Senhora da Conceição, defrontaram-se dois grupos, o de Ponta Delgada capitaneado pelo Conde Jácome Correia, e o da Ribeira Grande pelo Sr. Wilkinson. A entrada para o jogo custou 50 réis, custando cada cadeira mais 125 réis.¹⁰ Segundo o jornal ribeirão-grandense 'O Norte', a partida terminou após duas horas com o resultado, apesar do pouco treino dos locais, desfavorável apenas de um a zero. A receita rendeu cerca de 40 400 réis e foi entregue, depois de deduzida uma pequena despesa, à Junta da

Paróquia.¹¹

Pelo que se disse, poder-se-á afirmar com prudência, que, provavelmente, na Ribeira Grande o futebol ter-se-á iniciado de modo sistemático, a partir do dia de Reis do ano de 1899, sob a influência de Ponta Delgada, e de que a bola trazida por José Carvalho fora emprestada por Alfredo Pinto e que, José Carvalho, de quem desconhecemos as origens, terá desempenhado papel relevante quer na ligação aos atletas de Ponta Delgada, quer possivelmente também como treinador. Dalrímple, Wilkinson e o Marquês Jácome Correia como treinadores, e o ribeirão-grandense Humberto Borges de M. Cabral como angariador de atletas, também terão sido elementos importantes.

Oliveira Moura

¹Diário dos Açores, Ponta Delgada, 22.07.1898, fl.2.

²Diário dos Açores, *Foot-ball*, 28.11.1898, fl.2.

³Diário dos Açores, *Foot-ball*, Ponta Delgada, 16.05.1899.

⁴Diário dos Açores, *Foot-ball*, Ponta Delgada, 23.05.1899.

⁵Idem

⁶Diário dos Açores, *Football*, Ponta Delgada, 10.01.1899.

⁷Idem

⁸Silva Moniz, *Football Ribeirão Grandense*, O Correio Michaelense, Ponta Delgada, 26.05.1899; O Norte, Ribeira Grande, 20.05.1899; O Norte, Ribeira Grande, 27.05.1899.

⁹Diário dos Açores, *Foot-ball*, Ponta Delgada, 2.07.1899.

¹⁰O Comércio Michaelense, Ponta Delgada, 7.07.1899; diário dos açores, Ponta Delgada, 7.07.1899.

¹¹O Norte, *Foot-Bal*, Ribeira Grande, 10.06.1899, fl.3.

visite-nos

A Ilha Porto Formoso

Jardins Panorâmicos
Fábrica de Chá
Espaço Museológico
Sala de Chá e Loja
Horário: das 10 às 18H
de Segunda a Sábado

Nortadas

nortadas@mail.pt

Comédias de São Pedro

Se tudo correr como previsto, graças ao empenho das Juntas de Freguesia de Santa Bárbara e de São Pedro, do Museu da Ribeira Grande, e acima de tudo aos inúmeros intervenientes, tanto actores como autores das letras, sairão à rua este ano, depois de um longo e indevido interregno, várias comédias de São Pedro. Refira-se que este tipo de manifestação popular de teatro de rua, porventura comparável às manifestações teatrais que ocorrem por altura do Carnaval na Ilha Terceira, ou às que se realizavam ainda há umas décadas atrás na ilha de São Miguel, se filia na mais genuína e bela tradição nacional cultivada por Mestre Gil Vicente, considerado justamente o Pai do Teatro português. Estas manifestações veiculadas em linguagem popular gostosamente vernácula, muitas vezes incompreendida e perseguida por elites (in)cultas, por se sentirem incomodadas, registe-se que foram proibidas durante o Estado Novo, bebem directamente na raiz medieval das Cantigas de Escárnio e de Maldizer. Quem se queira deleitar com este género literário, deve percorrer com vagar e proveito um dos bons Cancioneiros Medievais portugueses, ler o livro de José Orlando Bretão ou acompanhar as Comédias de São Pedro.

Cães e Gatos I

Os **Cães** (Banda Filarmónica Triunfo, segundo os seus dirigentes a mais antiga dos Açores), mercê de uma nova Direcção, ao que consta, onde se destaca, entre outros, o empenho do Sr. Albano Garcia, continuarão a 'ladrar'. Por seu turno, os **Gatos** (Banda do Progresso), esboçaram felizmente a intenção de 'miar' de novo, graças aos esforços desenvolvidos pela Junta de Freguesia da Conceição, com especial destaque para o Sr. Mário Miguel, seu Presidente, após um prolongado silêncio de mais de uma década, não obstante terem, graças à iniciativa do saudoso eng. Fernando Monteiro, uma das melhores sedes das ilhas. Hermano Cordeiro, neto de um dos melhores presidentes da sua eterna rival, como novo Presidente da Banda será uma garantia do seu sucesso. Enche-nos de indisfarçado júbilo, no início da Primavera, após um Inverno deveras rigoroso, ouvir os acordes musicais das Filarmónicas a ensaiar aos serões.

Cães e Gatos II

Após anos a fio de um meritório trabalho de apoio à Academia de Música (fundada pela Casa de Cultura de Ribeira Grande), H. Cordeiro abraçou o desafio de reabrir os **Gatos**. Oxalá o avó José

Pereira da Silva, um nobre e valente **Cão** neste mundo, não dê voltas no outro.

Picadas do Norte

No Norte da Ilha do Arcaño existem quase só picadas, não existem estradas. Que isto seja registado nas cartas oficiais.

'Coração de Leão'

No derradeiro jogo do campeonato de S. Miguel, entre o Ideal e o Maia, diz quem ouviu, podia ouvir-se o 'Coração de Leão' (de 'Dragão', lá fora) do Presidente do Ideal rufar descompassado a metros de distância. Houve quem temesse pela sua saúde.

Saída de Rui Silva

Parabéns pelo teu excelente trabalho à frente do Ideal e pela magnífica loja de desporto que abriste na Cidade de Ribeira Grande. Todavia, os argumentos que adiantaste para a tua saída do clube são frouxos. O primeiro, as críticas de antigos atletas, que dizes teres sido alvo, infelizmente, sempre existiram e não de existir no Ideal, no Santiago, teu novo clube, no Benfica ou no Sporting. No fundo, dentro de certos limites, é bom que existam, pois, são o sal da terra. O segundo, a fobia do avião, algo de que, segundo estatísticas credíveis, padecem 25% do Homo Sapiens Sapiens, com tendência para agravamento após o acidente de um avião da SATA e dos atentados de 11 de Setembro, se não a venceres, infelizmente, senti-la-ás treinando qualquer equipa que dispute a III Divisão, Série Açores. Seja como for, serás sempre bem vindo nesta Cidade.

A surdez da Lei do ruído

Em vez de fiscalizar-se com escrupulo puritano a falta de uso de cintos de segurança, opção de cada um, ou o imposto de selo, outra opção de cada um, por que não cair em força na fiscalização do incumprimento gritante da nova Lei do Ruído? Esta lei é constantemente mandada às malvas, com o incómodo de muitos contribuintes, nas ruas Direita e Pedras. Alguns dos quais já entraram em fase de depressão aguda.

Sempre o mar do Norte

Esta é a desculpa 'velha e relha', tão velha como a Salvé Rainha, para justificar o quase nulo investimento público regional no lado Norte da ilha. Porém, os do Norte já não vão em cantigas, escolham outras desculpas, pois, estas já não embalem ninguém, e nem sequer conseguem fazer cantar um cego.

Colaboração, sim, pressão, não!

Toda e qualquer colaboração, vinda de qualquer quadrante político, social, económico ou

cultural, desde que conforme o Estatuto Editorial, é bem vinda, porém, pressão alguma, vinda de qualquer quadrante político, social, económico e cultural, será bem vinda. Que isto fique bem claro.

Junta de Freguesia da Matriz

Esta autarquia, na pessoa do seu Presidente, tomou a corajosa posição de questionar os responsáveis pelo atraso da construção de uma nova escola na freguesia que irá solucionar o problema de desdobramento de horários em toda a Cidade. Além de manter as suas prioridades em relação a outras obras emblemáticas. Parabéns ao António Anacleto.

Ministério das Cidades

Até que enfim se percebeu que a responsabilidade de uma Cidade é bem diferente da de uma Vila ou de uma simples freguesia. Aguarda-se com expectativa que nos tratem como tal. Já não era sem tempo.

D. Hugo I, por mérito, Príncipe das Cavalhadas

No São Pedro passado, perante uma mole de gente apinhada em torno das Cavalhadas, à boca da porta principal da igreja de São Pedro, foi encontrado o sucessor do Rei Maré. É um puto cheio de verve, desenvolvimento, garbo na voz e chama-se Hugo. Parabéns Olga e Manuel.

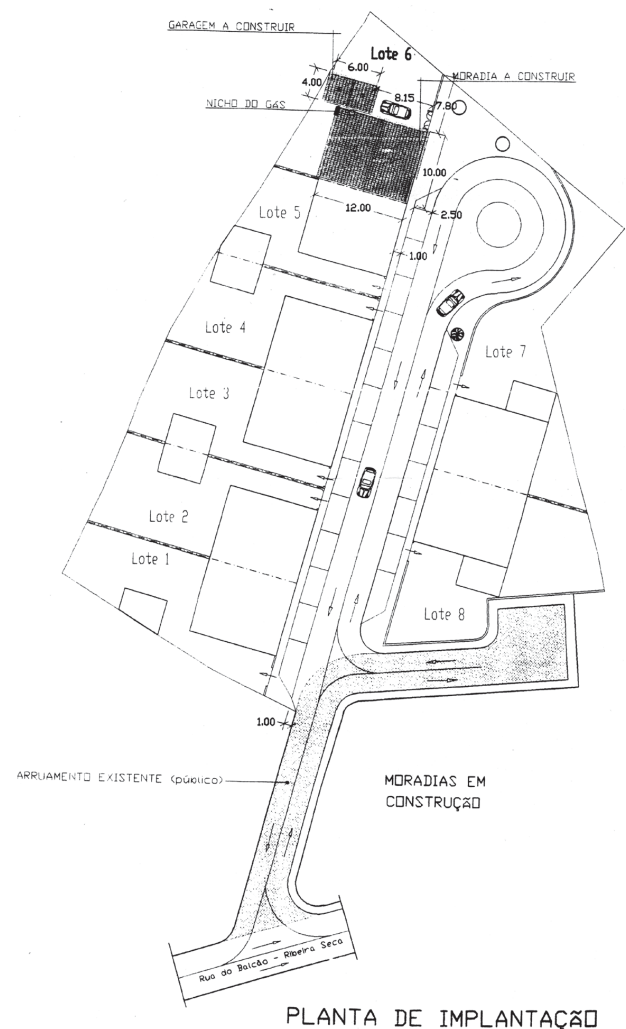
Teresa da Anunciada e a versão definitiva da origem das Cavalhadas?

Após as versões quinhentistas (a de 1522 e a de 1563) e seiscentista, surge agora, pelos vistos, uma nova e, se calhar definitiva versão acerca da intrigante origem das nossas Cavalhadas de São Pedro. Foi assim: Sob rigoroso sigilo, um paroquiano da Ribeira Seca confidenciou-nos que uma nonagenária, gozando de indisputada fama de vidente, moradora naquela paróquia, descaiu-se a revelar a uma vizinha o que poderá ser considerado uma nova versão da origem das Cavalhadas. Segundo o confirmá-mos por vias travessas mas seguras, através da oportuna inconfidência da vizinha do lado, que tem o ouvido bem apurado a tudo quanto seja ruído ou rumor de ruído na porta ao lado, terá tudo a ver com a diligente Teresa da Anunciada que, roída de remorsos por ter oferecido a maior festa religiosa dos Açores à nossa Cidade-irmã mais velha, a fim de que os seus patrícios não a acusassem perpetuamente de desamor à sua Terra Natal, decidiu promover as *Cavalhadas* na sua Terra de Origem. Portanto, será uma versão setecentista. Mais pormenores só para o ano e neste jornal!

Destaque

Jacinto Ferreira Correia & Filhos: empresa em bom crescimento

Esta multifuncional empresa, sediada na freguesia de Ribeira Seca, em redor do histórico Canto do Lima, já que é lá que se encontram as suas Lojas de Ferragens, Electrodomésticos, Mobiliário e Bebé, um Café, bem como um Super-Mercado, com um currículo de se lhe fazer uma vénia (exemplos: recebeu pelo quarto ano consecutivo o Prémio PME Excelência, atribuído pela Caixa Geral de Depósitos, em colaboração com o IAPMEI; em 2001, foi-lhe atribuído pelo Grupo Lusomundo, responsável pela revista *100 Maiores Empresas dos Açores*, o 74.º lugar), tem vindo a alargar os seus serviços à área da construção civil, nomeadamente na construção de habitações para venda, no caso concreto na rua do Balcão daquela freguesia, e, no âmbito das suas Lojas, presentemente, está a construir, na Vila das Capelas, uma área comercial com 400m² para exposição de mobiliário, electrodomésticos e artes decorativas, estando prevista a sua abertura para o mês de Julho próximo. Por outro lado, mais um projecto de grande interesse económico se encontra em fase de estudo. Razões para se dizer que a família Correia não é de curtos horizontes; o seu crescimento tem vindo a ser feito com competência e muita prudência. Quem não se lembra que tudo começou com uma pequena mercearia e líquidos? A Ribeira Grande só tem a agradecer.



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

Chá Porto Formoso: regresso ao passado

Reaberta depois de largos anos de inactividade, a Fábrica de Chá Porto Formoso, sob a gerência do Eng.º José António Pacheco, numa iniciativa para animação turística, comemorou o Início da Colheita do Chá no dia 27 de Abril último. O dia foi ocupado de modo a que todos os participantes (cerca de oitenta) e observadores se inteirassem das actividades profissionais antigas ligadas ao Chá, desde a apanha manual, feita essencialmente por mulheres (as 'apanhadeiras'), transporte em grandes cestas de vime, feito aos ombros de rapazes, rolagem e secagem, esta em forno de lenha tradicional, bem como bailaricos e jogos tradicionais (malha e jogos infantis). Regressar ao passado foi o que a iniciativa pretendeu, porém, os nossos usos e costumes e o colorido dos ranchos das apanhadeiras, entoando modas tradicionais, há que os preservar e até mesmo fazê-los ressuscitar em permanência. A Fábrica de Chá Porto Formoso parece não querer deixar morrer a vivência social que esteve na sua origem. É caso para se dizer que regressar ao passado não é mera fantasia.



Crónica Mal-Humorada

À vontade do dono



Depois de ter ganho as eleições, um notável do P.S.D./A. acusou Carlos César de haver dito que os açorianos não tinham sido inteligentes. Não foi isso, nem nada semelhante o que César lamentou, mas sim que talvez não tivessem sido justos. Um erro de interpretação que veio a calhar, porque o que interessava era realçar a sabedoria dos eleitores do P.S.D., pois nestas, como em muitas outras coisas, inteligentes são os que pensam como nós. A intenção confirmou-se quando outro notável social-democrata afirmou que a vitória do seu partido fora a vitória da inteligência. Afinal, começava a perceber-se

que quem queria classificar de falta de senso os que não estavam do seu lado eram os senhores vencedores. O exagero veio escrito num jornal por alguém que satirizou aquilo que Ferro Rodrigues considerou uma vitória relativa, comentando que se tratava de “uma vitória de tolos”. Separadas as águas, agora já sabemos que toda a inteligência foi dada ao P.S.D. e negada aos restantes partidos e seus eleitores.

Há alunos que nunca aprendem nada, por melhores professores que tenham, pelo que os políticos não devem pensar que a culpa é sua quando não convencem como e quantos queriam.

Nos tempos gloriosos do Aeroporto de Santa Maria, o saudoso Professor poeta Lopes de Araújo conseguiu arranjar paciência para fazer escola de adultos. Entre os alunos, havia dois figurões irrepetíveis, ambos idos de S. Miguel com a mesma esperança dos outros, que era ganhar dinheiro que lhes garantisse uma vida mais desafogada, se bem que mais propriamente devesse dizer-se “menos afogada”... Um deles tinha tão boa vista e uns binóculos tão potentes que conseguia ver, de lá, a mulher a comprar peixe na Ribeira Quente... O outro era um amante da pesca que nunca voltava do mar sem peixe, ainda que tivesse de comprar umas garoupas no regresso a casa...

Ora aconteceu que o Professor Lopes de Araújo resolveu um dia explicar a razão por que o céu fica azul. Para que entendessem o efeito da passagem dos raios solares na atmosfera, pediu que fossem buscar uns pedaços de vidros partidos que havia mesmo ali ao lado, por detrás da secretaria do Aeroporto. Mandou os alunos olharem através de um desses pedaços, a que foi juntando outros até o ar parecer azul. Dias depois, perguntou se alguém sabia a que se deve a cor do céu. Garante o meu amigo António Martins que os tais figurões tinham entre si uma árdua competição na escola: tentar provar, cada um deles, que sabia menos do que o outro... ainda que a sua intenção fosse precisamente a contrária. Logo um dos dois levantou o dedo, pronto para demonstrar a sua sabedoria. E afirmou, candidamente convencido dessa verdade irrefutável: - É por causa dos “vridos.”

Pois é... Há alunos destes na política que nunca aprendem nada. Pelos vistos, ou pelo que se ouviu, faço parte desse grupo que teimosamente recusa a inteligência social-democrata. Mas a minha consolação é que, onde quer que um qualquer iluminado do P.S.D. vote em eleições nacionais, o meu voto inculco anula o seu.

Daniel de Sá

Desporto

Política desportiva



Na actualidade, a política de desenvolvimento desportivo local adquiriu uma importância maior no contexto da política global, tanto a nível desportivo como no conjunto de fenómenos e elementos que configuram a própria vida do cidadão. No dias de hoje, torna-se imprescindível, para a definição da mesma, identificar e tipificar as necessidades expressas pelos vários grupos da população. Em nosso entender, criar mais e melhores condições de acesso e de prática desportiva devem ser os motivos de maior atenção por parte das Autarquias. Assim, a gestão do desporto, no âmbito do concelho, deve ser precedida de um estudo profundo e sistemático da realidade desportiva e do seu contexto para que, através dos dados obtidos da oferta e da procura, se possa realizar um diagnóstico correcto da situação.

Neste contexto, continuamos sem responder às questões de fundo do desporto, ou seja, as que promovem a possibilidade de criar mais e melhores condições de acesso ao desporto à maioria da população. Mais do que isso, perante os desafios que se avizinham, o que nos resta saber é se a classe política, habituada a gerir o desporto ao sabor do improvisado e em regime de curto prazo, estará disposta a avançar para modelos superiores de organização, de forma a que ele passe a fazer parte das realidades que têm a ver com a organização do futuro do Concelho e da própria Região. Contudo, a promiscuidade existente entre política e movimento associativo demonstra bem a finalidade para que o desporto tem servido e qual o motivo de não terem sido preparados os recursos necessários ao seu desenvolvimento.

“Na maioria das vezes, a classe política, possui uma visão reduzida do fenómeno desportivo, uma vez que analisa o desporto, na maior parte do tempo, através dos interesses próprios.”

Na maioria das vezes, a classe política, possui uma visão reduzida do fenómeno desportivo, uma vez que analisa o desporto, na maior parte do tempo, através dos interesses próprios. O futuro não será nem virá como antes, ou seja, não é suficiente analisar o passado e proceder a algumas alterações para projectar o amanhã. O processo, agora, é mais complexo. Desta forma, estão por encontrar as soluções políticas, administrativas e organizativas que, de uma vez por todas, ponham fim a este estado de falsidade que teimosamente continua a persistir.

Se tivéssemos vontade para o seguir por ruas e vielas, pátios e recreios, campos e ginásios, vê-lo-famos, o desporto, a distribuir sonho e ousadia aos adolescentes, segurança aos adultos e a semear nos idosos e deficientes a esperança de levar o presente o mais possível para o futuro.

Nelson Reis

Contraste +



25 de Abril: corrida da liberdade

Contraste -



Desde Setembro de 2001: as grades do Espirito Santo



Modelo

**Custa Pouco
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



Editorial



Olá amiguinhos! Cá estamos nós de volta! Este mês comemoram-se muitas festividades, sabias? Olha, para começar, no primeiro dia do mês de Junho é o dia dedicado a ti e a todas as crianças, é, pois, o Dia da Criança. Aproveita e festeja bem este dia!

O dia 10 de junho, como já é costume, é feriado no nosso País. É o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas que vivem por todo o mundo. Esta data foi escolhida porque Camões, o grande poeta e patriota, morreu no dia 10 de Junho (de 1580). Este poeta demonstrou o seu amor pela Pátria na sua obra "Os Lusíadas". Aposto que esta data não te irá passar despercebida.

O dia 21 ou 22 de Junho lembra-te alguma coisa especial? Sim, chega o Verão e com ele as férias! O sol brilha, faz muito calor, vamos à praia, os dias são grandes, e há mil e uma coisas que podes fazer para te divertires.

Quando chega ao dia 29 de Junho, realizam-se, na freguesia da Ribeira Seca da Ribeira Grande, as Cavalhadas de São Pedro. Há um cortejo de largas dezenas de homens trajados a rigor e montados a cavalo, comandados por um "rei". Estes homens percorrem as principais ruas da cidade.

Queres um conselho? Aproveita bem estas festas para conheceres mais um pouco da Ribeira Grande!

Os Santos Populares



S. António, S. João e S. Pedro,
São santos populares,
Já começam os bailaricos,
Ao cheiro dos manjericos.

S. António é o primeiro,
É um santo milagreiro,
Para as meninas namoradeiras,
É um grande casamenteiro.

A seguir vem S. João,
Santinho de devoção!
Estalam os foguetes no ar,
E as sardinhas a cheirar.

Por último, vem S. Pedro,
Da terra o padroeiro.
Oferece entrada no céu,
Este nosso santo chaveiro.



Joana Sousa
Pedro Melo

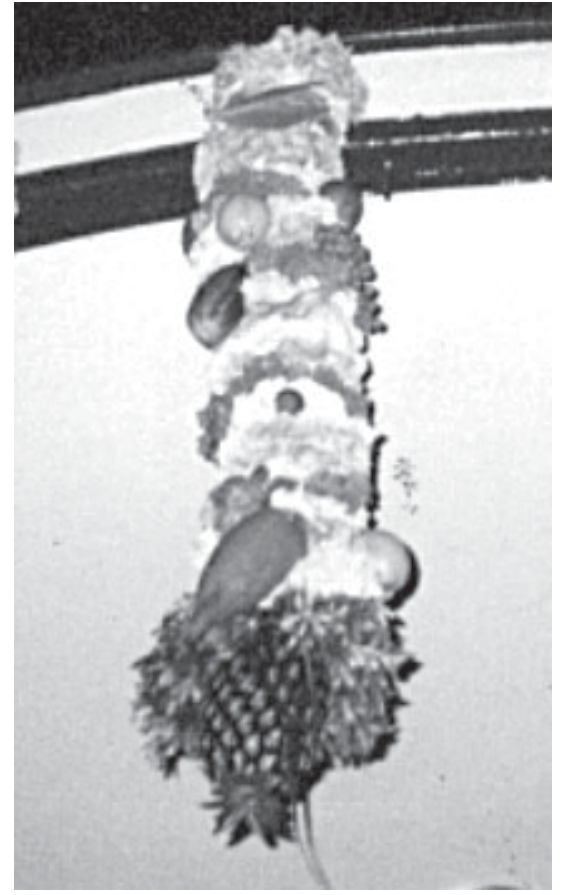


Sara Sofia
Silva Horta



Ana Cláudia
Alves Oliveira

ALÂMPADA DE SÃO PEDRO



Na festa de S. Pedro é costume enfeitar-se a igreja com conjuntos de frutos e flores a que se dá o nome de alâmpadas. Estas são em forma de pinha e nelas são colocadas os primeiros frutos da estação, como os pêros, as pêras, as uvas, as bananas, as ameixas, os figos, o milho, o pepino e o ananás. Estes frutos aparecem junto de flores, como as hortênsias, os botões de rosas e os bordões de S. José. Essas alâmpadas servem para decorar a igreja de S. Pedro e são expostas em varandas de algumas pessoas.

O Verão

Chegou o Verão. E as férias... O calor ... A praia...

Joana acordou cedo. Entusiasmada, perguntou:

- Pai, Vamos à praia?

- Sim, minha filha! Não de esqueças do protector solar!

Pouco tempo depois, avistaram o mar imenso. A água transparente brilhava.

Joana bateu palmas de alegria e disse:

- Pai, pai, quero nadar!

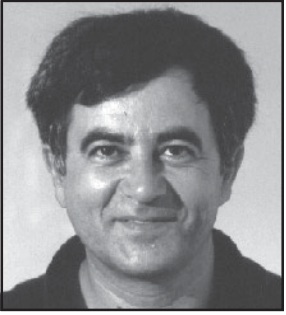
- Tem calma, Joana! Primeiro temos que olhar para a bandeira.

- Já olhei, pai! Está verde. Posso nadar à vontade.

Joana correu para o mar. O pai seguiu-a, com atenção.



Caldeira Velha É urgente uma solução



Os “Amigos dos Açores – Associação Ecológica” apresentaram em Setembro de 1999 a sua proposta para uma classificação da Caldeira Velha por ser um local com **aspectos únicos em toda a Região** e possuir interesse múltiplo: científico, paisagístico, turístico, recreativo e cultural, tendo temas abundantes para serem devidamente explorados e desenvolvidos no estudo da Geologia, Vulcanologia, História Natural, Botânica e Zoologia.

A zona da Caldeira Velha, situa-se na periferia da cota dos 400 metros que define o limite da Reserva Natural da Lagoa do Fogo e por não estar dentro desta, mais se justifica uma definição jurídica que enquadre todo o espaço envolvente da Caldeira Velha no actual regime de preservação de áreas protegidas.

A ocupação física daquela zona iria facilitar a vigilância da área definida como Reserva Natural, numa das suas principais entradas, impedindo ou dissuadindo os abusos ou atropelos à lei.

Os “Amigos dos Açores” não apresentaram uma proposta concreta de classificação, porque estas têm mudado com frequência, juntamente com o regime que as define. Pretenderam dar uma contribuição para uma resolução que pusesse termo à indefinição.

Ao longo do tempo

No seu trabalho indicam aspectos históricos como o de em 1838 a Caldeira Velha ter sido visitada

pelos irmãos Joseph e Henry Bullar, que a ela se referem em quatro páginas do seu livro “*Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*” e que a descrevem como um “*Caldeirão fervente (...) situado na direcção sudoeste das Caldeiras e, em linha recta, a pouco mais de duas milhas de distância destas. Mas, para lá chegar de burro, é preciso dar uma volta de duas horas através de montanhas*”.

Os irmãos Bullar descrevem largamente como imaginaram a sua formação ao longo de séculos de erupções vulcânicas, com emissões de pedra pomes, escórias, torrentes de lava e sucessivos sismos e abatimentos, concluindo: “*Volvem os séculos e tudo se reveste de verde, excepto as rugosas massas dentadas de pedra cinzenta que aparecem através da urze (...)*”.

Os guias informaram os irmãos Bullar que os vapores eram venenosos, de modo que deixaram os burros longe, mas os autores referem que os gases nenhum mal lhes causaram.

O receio dos “gases venenosos” e as dificuldades de acesso não impediam que a Caldeira Velha fosse usada para cozeduras. Na sua caminhada os irmãos Bullar cruzaram-se com homens que conduziam mulas em direcção à Ribeira Grande, carregadas com sacos com o cheiro da fava cozida. Conhece-se igualmente o uso da Caldeira para cozer vimes. No século XX, com a construção da estrada entre a Ribeira Grande e a Lagoa do Fogo, a qual ladeia a escarpa onde se situa a Caldeira Velha, esta passou a ser mais visitada e usada para confeccionar “cozidos”.

A ribeira de água quente, que nasce a montante da Caldeira Velha, desce por um leito acidentado, com algumas cascatas. Forma represas, onde a água é

retida por troncos, ramos de árvore caídos e retidos pelas rochas. Estes pequenos açudes eram usados para banhos. O acesso da estrada à Caldeira Velha era de difícil transposição devido ao declive e ao elevado número de árvores caídas e grande densidade de vegetação.

A ribeira separava duas propriedades privadas e os seus proprietários fizeram propostas de venda para tornar os terrenos públicos, mas tal não se concretizou e em **1985** foram adquiridos por particulares que procederam ao corte integral das árvores alterando as condições de acesso e a paisagem

A maior facilidade de acesso aumentou a procura, sobretudo para banhos, passando a fazer parte dos “roteiros” turísticos não oficiais inclusivamente de turistas estrangeiros.

O seu uso desregrado foi o motivo para a constituição de um grupo de trabalho composto por técnicos do Governo Regional e Câmara Municipal. Este grupo elaborou em **1986** um “Plano de Recuperação”, sugerindo a aquisição da zona envolvente da Caldeira Velha e um regulamento de utilização do local.

Propunha-se o arranjo de um caminho de acesso da estrada regional até à Caldeira Velha, a construção dum parque de estacionamento e o arranjo do caminho até à cascata, onde se havia entretanto construído um muro de pedra para alargar a represa designada “piscina”. Das propostas apresentadas apenas algumas foram implementadas e incluíam ainda a construção de uma escada de acesso à “piscina” e o repovoamento florestal com espécies exóticas e endémicas.

A Secretaria Regional do Turismo e Ambiente, em **1992**, apresentou um projecto que mereceu fortes críticas e o parecer desfavorável

da Câmara Municipal. Esta proposta iria descaracterizar o local, com a construção de “espelhos de água”, de locais de merenda e de instalações sanitárias em blocos de cimento revestidos de madeira. Nada disso foi feito, felizmente.

Até à constituição de novo grupo de trabalho, em **1998**, aquele local continuou a sofrer intervenções pontuais que facilitaram o acesso e a circulação de pessoas e veículos, muitas vezes de uma forma excessiva.

O grupo de trabalho pretendeu concretizar um arranjo do local, em articulação com o Governo Regional. A falta de decisão do que compete a cada uma das entidades não foi ultrapassada e o impasse só facilita a perda irreversível do seu valor.

Interesse científico

A proposta dos “Amigos dos Açores” demonstra o interesse científico - os aspectos **geológicos e hidrológicos** e enuncia a **flora e fauna** existente no local.

Salienta que a Caldeira Velha constitui um importante campo fumarólico localizado numa importante falha do complexo vulcânico do Fogo. As emanações gasosas, juntamente com as das Caldeiras da Ribeira Grande, constituem as principais manifestações de vulcanismo secundário no maciço vulcânico de Água de Pau.

A jusante da Caldeira Velha existe uma nascente de água fria, que haveria interesse em analisar, na medida em que na vertente Norte deste maciço vulcânico, e junto às diversas fumarolas, existem outras nascentes de água hipotermal, como as das Lombadas, Caldeiras e Ladeira da Velha.

Nos últimos quinze anos houve alguma recuperação do coberto vegetal, após o corte das espécies arbóreas para fins industriais, mas foram as invasoras que predomi-



naram, nomeadamente a Acácia “*Acacia melanoxylon*” e a coneteira “*Hedychium gardnerianum*”.

Contudo, é possível identificar nesta zona **plantas endémicas** como a urze (*Erica scoparia* ssp. *azorica*), malfurada (*Hypericum foliosum*) e *Lysimachia azorica*, além de outras espécies introduzidas mas interessantes.

Uma nova esperança ?

O estudo que foi confiado ao Instituto Superior de Agronomia pode ser uma garantia de contrariar a tendência para intervenções avulsas e desarticuladas. O trabalho elaborado pelos arquitectos paisagistas deste Instituto para o Ilhéu de Vila Franca é rigoroso e origina boas expectativas para o da Caldeira Velha.

É necessário tomar decisões que aproveitem enquanto é tempo uma zona tão importante em vários aspectos que se podem e devem harmonizar: científicos, de educação ambiental, de protecção do ambiente (incluindo a recuperação da floresta de *Laurissilva*) e de promoção turística.

A **delimitação de zonas distintas**, com utilidades diferentes, umas permitindo o **recreio, o lazer, a utilização turística** com a existência de equipamentos vários e outras vocacionadas para a **conservação e preservação da Natureza**, iria valorizar as diferentes potencialidades de toda a zona envolvente da Caldeira Velha.

Luís Noronha

Ingredientes: Restos do cozido; 1 almoçadeira de leite quente; 1 cebola grande; 1 colher de sopa de farinha de trigo; 1 colher de sopa de manteiga; 1 gema; 1 pacote de natas; 2 colheres de sopa de *maionese*; 2 dentes de alho; azeitonas quanto baste, azeite; sal, nós moscada, pimenta branca; sumo de limão.

Pica-se o que sobra de um cozido (batatas, carnes, chouriço, cenoura, repolho e couve) acrescenta-se ao picado azeitonas descaroçadas laminadas, e, se necessário, rodela de batata frita.

À parte, prepara-se um refogado com cebola às rodela, alho e um pouco de azeite. Misturar este refogado ao picadinho.

Molho: Leva-se ao lume uma colher de manteiga a derreter, misturar farinha e aos poucos leite quente, sem nunca deixar de mexer. Deixar levantar fervura. Retirar do lume, incluir *maionese*, natas, e gema. A gosto, temperar com sumo de limão, sal, nós moscada e pimenta. Colocar num “*pirex*” metade do molho, seguidamente o picadinho e cobrir então com o restante molho. Levar ao forno forte até alourar. Acompanhar com uma boa salada.



Até dá gosto... Roupa Velha

Otilia Botelho / Rafaela Cardoso

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



“Os quês e os porquês”

Doce mar salgado

ponte@aer.com



Num país como Portugal, à beira mar plantado, até o orvalho parece que sabe a sal. Os portugueses nasceram com o rocio do mar. Não admira, pois, que cedo se dessem conta desse mar salgado, que lhes trazia a sede de viagens e conquistas. O país fez-se e desfez-se no mar, mas quase sem lhe dar ouvidos. Nem tampouco se importou com um dos seus maiores segredos, a origem do seu sal. Quando Fernando Pessoa resolveu, finalmente, confrontar o mistério, não esteve com meias medidas. A causa de um mar tão temperado havia de ser o pranto nacional, não fosse o país um grande vale de lágrimas.

Pessoa tinha razão pelo menos num aspecto. As lágrimas, mesmo as de crocodilo, são realmente salgadas. A próxima vez que sentir uma lágrima ao canto do olho, deixe que ela role até aos lábios e tome-lhe o gosto. Já António Gedeão, nas suas análises químico-poéticas, confirmava que as lágrimas, de portugueses e não só,

eram “água (quase tudo) e cloreto de sódio”. Mas basta fazer umas contas rápidas, para que os anseios de Pessoa se vão pelo mar abaixo.

Imaginemos que dez milhões de portugueses, tantos quantos somos hoje, não faziam mais nada senão carpir as suas mágoas desde há nove séculos, o que até pode ter um fundo de verdade. Cada uma dessas almas, mesmo que passasse toda a vida a chouriços de salmoura e bacalhau com todos, não podia consumir, nem, por conseguinte, verter em lágrimas, mais do que uns dez quilos de sal por ano, para fazer conta redonda. Ora, nove séculos de pranto continuado, a dez quilos por carpideira, é produção que se veja (90 milhões de toneladas). Mas o mar tem bilhões de toneladas de sal, ou seja, um milhão de vezes mais sal do que os portugueses, mesmo lavados em lágrimas, poderiam alguma vez chorar.

Das salsas lágrimas portuguesas estamos, portanto, conversados. O sal do mar vem de outros prantos. Mas que prantos? É certo e sabido que a água das chuvas não tem sabor a sal. E a água dos rios tampouco sabe a sal, até se diz que é doce! Mas aqui é que está o engano. Doce mas nem tanto! A concentração de sal na água dos rios é muito pequena, com-

para com a do mar, mas não é zero. Os rios lavam constantemente a terra, e levam consigo algum sal das rochas e argilas que lhes fazem de leito. Mansamente, vão assim os rios salpicando o mar aos poucos. A água dos rios, depois de desaguar nos oceanos, eventualmente evapora-se e deixa no mar o pouco sal que trazia. O sal tem porta de entrada, mas não

tem porta de saída, e vai ficando. Pitada de sal aqui, evaporação ali, ao longo de milhões de anos, o mar foi-se tornando cada vez mais salgado.

Sabemos nós agora, ó mar, porque és assim tão salgado! Mais difícil é desvendar onde nasce o pranto que se derrama dos olhos lusitanos. Será que as lágrimas dos

portugueses, de que falava Pessoa, são fruto do mar revoltado que lhes corre nas veias, lhes extravasa o corpo, e lhes lava os olhos da areia fina de Alcácer Quibir? Antes fosse!

Cambridge, Massachusetts

Rui Melo Ponte



**Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!**
Fernando Pessoa

Fotografia: F. V.

A arte musical (II)

A arte musical no Pico da Pedra



A arte musical no Pico da Pedra conta actualmente com a “Orquestra Ligeira”, a “Filarmónica Aliança dos Prazeres”, o grupo de Rock “Shunkstone” e o grupo de Pop Rock “Hifen” e o “Grupo Coral de N.ª S.ª dos Prazeres”. Para além das pessoas integradas nestes grupos outras existem que dedicam o seu tempo livre à música, em outros grupos foram desta localidade. O interesse pela música nos mais novos está bem patente se tivermos em conta o número de jovens que aderiu ao curso de viola que está a decorrer nas instalações da Junta de Freguesia.

Este trabalho pretende falar dos vários agrupamentos musicais que existiram já na nossa freguesia. No entanto, a falta de documentação de alguns deles, acaba por tornar a tarefa difícil.

Também, por uma questão de espaço, iremos sintetizar ao máximo, pelo que não entraremos em descrições muito pormenorizadas.

BANDA LIRA DOS PRAZERES

A Banda Lira dos Prazeres, a nossa primeira filarmónica, foi fundada, segundo reza a tradição, no ano de 1913. Os jornais da época dão a notícia algum tempo depois, em 1914, como refere J. M. Cabral, na seu livro “Filarmónicas da Ilha de S. Miguel”. Porém, nas notas que nos deixou J. E. Botelho, no livro de actas desta filarmónica, podemos concluir, com

certeza de não errar, que o que esteve na origem desta banda foi um grupo de teatro, ensaiado por Benjamim da Cruz Avelino, que levou à cena a peça Inês de Castro, no ano de 1912, sendo este muito aplaudido o encorajaram a motivar alguns dos elementos do grupo a formar uma banda de música, pois o tal Benjamim sabia música que havia aprendido com o Pe. Manuel Soares do Couto. Os rapazes que quiseram pertencer à sociedade musical, quotizaram-se entre si, para fazerem face às despesas inerentes à formação de uma Orquestra, comprando velhos instrumentos à Lira do Norte de

R. Peixe. Alguns meses depois os músicos já aspiravam à formação de uma Banda pelo que, havendo nessa altura fardas e instrumentos de uma banda da Fajã de Cima para liquidar, os adquiriram, pela importância de quatrocentos mil reis, e, como não possuíssem tal quantia, valeu-lhes Francisco Jacinto do Couto, carroceiro comerciante de madeiras, que lhes emprestou o dinheiro, tendo sido o seu presidente até à data em que faleceu.

A primeira exibição pública foi um cortejo de entrega de um quadro da Padroeira à Igreja paroquial, onde tocaram o hino de N.ª S.ª dos Prazeres, composto por João Medeiros de Rabo de Peixe. Consta que nessa sua primeira saída a banda parou em casa do Pe. Manuel Soares do Couto, a fim de o cumprimentar, agradecendo assim o gesto que aquele sacerdote músico havia tido ao ensinar música a várias pessoas desta freguesia.

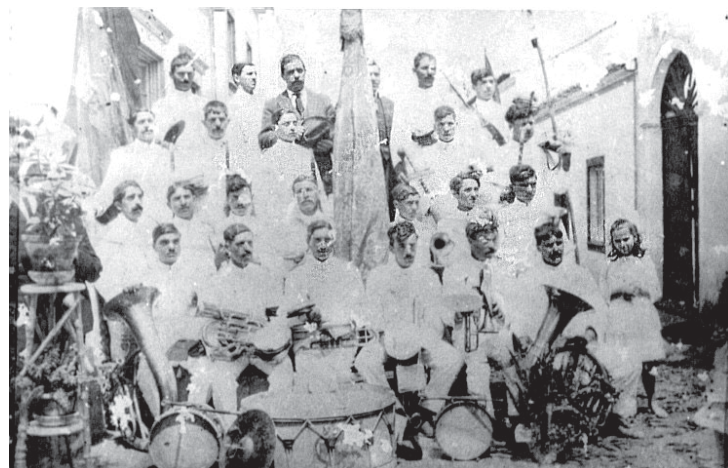
Nesta banda houve uma cisão em 1921, em que saíram vários elementos que formaram outra filarmónica nesta freguesia.

Entre os diversos serviços desta filarmónica, registados ficaram

para a posteridade, na história das “Filarmónicas de S. Miguel”, pelo menos dois: a festa que promoveram de regozijo pela assinatura da paz da 1.ª Grande Guerra, com concerto e outras actividades, em 1919, e o passeio com familiares dos músicos às Caldeiras da Ribeira grande em Julho de 1924, dando um concerto de regresso no jardim da então Vila, o qual foi muito aplaudido.

As tradicionais romagens que se fazem nesta freguesia ao cemitério com a banda no primeiro de Novembro, começaram a ser acompanhadas por esta banda em 1923. O costume de tocar o hino do Santíssimo à porta da igreja no dia que se comemora a sua vinda para esta freguesia (25 de Julho) teve início no ano de 1924.

Consta que esta banda terminou a sua actividade em 1949; todavia, irá continuar a reunir com os seus associados até 1956, elegendo as respectivas direcções.



Gilberto Bernardo

Óleos

20% Desconto

e ainda

oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

VISCO 2000

VISCO 3000

VISCO 7000

Melo & Melo
 Deseja a todos os estimados
 clientes e amigos um Feliz Natal e
 um Ano Novo muito Próspero

Promoções

Pneus

P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem
 para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)

MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA

Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400

a Estrela Oriental Sporting Clube Ideal

Mário Moura

O Ideal



É da cidade da Ribeira Grande, é o terceiro clube activo mais antigo inscrito na Associação de Futebol de Ponta Delgada, conquistou no dia 7 de Abril de 2002 o seu quinto campeonato de seniores da I divisão daquela Associação de Futebol, por isso terá pela segunda vez direito a participar na III Divisão, série Açores. Os seus fundadores, querendo ter por lema o ideal desportivo, baptizaram-no de *Ideal Sport Club*, passando em 1963, a pedido dos sócios, a *Sporting Clube Ideal*, mas toda a gente o conhece simplesmente por *Ideal da Ribeira Grande*.

Futuro

Seja ou não o clube do nosso coração, uma minudência irrelevante no caso presente, quem não louvará sete décadas de dedicação de dezenas de **carolas**, que, o exemplo serviria a outros clubes, não tendo gerado nenhum Luís Figo, Eusébio ou Rui Costa, formaram prestantes cidadãos. Será esta a principal virtude do Ideal. Serve de exemplo a Direcção presidida pelo Dr. Fernando Cordeiro.

Foi-lhe dado, por esforço e mérito, pela segunda vez, uma oportunidade de singrar na III Divisão Açores. Devem os seus sócios, simpatizantes e dirigentes, aprendendo a amarga lição do fracasso da sua fugaz e inglória anterior participação na III Divisão Série Açores, ambicionar subir a escalões mais altos do futebol nacional. É a Cidade que o exige. E a sobrevivência do clube que o impõe. Não será sonhar demasiado alto. Quem diria que um golo obtido em tempo de desconto, contra o Ideal e na Ribeira Grande, marcaria o início da fulgurante carreira que levaria o Santa Clara à I Divisão Nacional? Mas para tal é necessário que as forças vivas locais o entendam e dêem contributo assinalável, e sobretudo acreditem que, com esforço e dedicação, tudo se consegue. É necessário que haja mais afluência de espectadores aos jogos da equipa e é necessário que a área citadina, segundo o último censo de 2002, com cerca de 11 300 habitantes, seja dotada no campo da Ribeirinha, há quem prefira o do Complexo Desportivo da Ribeira Grande, com um piso sintético e o de Santa Bárbara seja equipado em condições. Justifica-se pelo facto de a zona Poente do Concelho, com cerca de 10 500 habitantes, ir ter dois, e a Nascente, com cerca de 6500 ir ter outro. Será ainda, necessário que o Complexo Desportivo da Ribeira Grande, hoje dirigido à distância nas Laranjeiras, seja administrado por quem conheça ou queira conhecer as nossas necessidades no âmbito do fomento desportivo. O Ideal é a equipa do Concelho que mais atletas forma, e uma das primeiras na ilha, em todos os escalões etários, e que há mais tempo o faz. Merece-o. Assim sendo, haverá futuro para o desporto do Concelho e da Cidade.

Perfil

Hermano Ferreira Grotta

Hermano Ferreira Grotta, Idealista e Benfiquista, 1,65 m de altura, *halfback esquerdo* do grupo, que segundo ele, pela primeira vez representou o Ideal, nasceu em vésperas de Santo António, no ano de 1914, na freguesia de Nossa Senhora da Estrela, numa casa à esquerda de quem desce em direcção ao mar, na rua Direita de Santo André, como era então conhecida a rua Conde Jácome Correia. Volvidas oito décadas e dois anos, quando o levámos ao local, não se recordava exactamente em qual. Ao lado da casa onde nasceu, numa casinha minúscula, propriedade de seu pai, nasceria, ainda segundo ele, a primeira sede do 'seu' Ideal. Manuel Meneses Silva (Depoimento-01.05.2002, 79 anos), corroborado por outros, indicou o n.º 57 para a casa do pai e o n.º 59 para a sede inicial do Ideal. Terá jogado 'quatro épocas' (não apurámos o que significavam).

Fomos dar com ele, após uma longa pesquisa recheada de peripécias, a fazer lembrar as aventuras de Sherlock Holmes, sentado a uma mesa de um dos Cafés do centro de Água de Pau, onde se encontrava em gozo de férias, vindo de S. José, na Califórnia. Estávamos no Verão de 1996, pouco tempo depois de o Ideal ter ascendido à III Divisão Açores, e antes de, a pedido da Câmara Municipal de Ribeira Grande, termos sido o orador da cerimónia de homenagem ao Ideal. Conversámos longamente. Por mais de uma vez.

Manuel Ferreira Grotta, Ferreiro/Serralheiro, e Maria Trindade Morais, doméstica, eram os seus pais. Pelo lado materno, era primo de Mestre Manuel da Costa Morais, Sapateiro, um dos fundadores do Ideal, morava umas três casas abaixo da sua, este, por seu turno, era cunhado de Mestre José Leite Cabral (aliás Paiva Cabral), Sapateiro, também seu primo, 'autor da primeira bola do Ideal'. Andaram juntos na catequese do Senhor Prior Evaristo Carreiro Gouveia. Manuel do Rego e a família eram seus vizinhos. José da Silva Tavares residia na canada da Palha (rua dos Condes da Ribeira Grande), era participante assíduo das iniciativas do Prior Evaristo) e andava de vez em quando com o grupo. Hermano, baptizado a 14 de Setembro, aprendeu o ofício com Mestre Manuel Lucas, outro dos fundadores do Ideal, e vizinho da frente, seu parente. Um outro irmão alinhou 'pelo grupo da Fábrica da Ribeirinha'.



Concluiu com dez anos, com óptimo aproveitamento, a instrução primária, tendo sido aluno do professor Laurindo de Melo Garcia, também seu vizinho. O edifício escolar estava instalado onde se veio a construir o actual 'quartel dos Bombeiros' (rua da Praça, n.º 53). Talvez 1, 2 ou 3 meses depois 'foi trabalhar para o seu mestre.' Cumpriu o serviço militar no forte de S. Brás, em Ponta Delgada. Casou-se, ao que disse, 'com 22 para 23 anos' (na realidade, a 13.06.1936, com 22 anos feitos na véspera), na igreja de Nossa Senhora da Conceição, paroquial de Maria do Carmo Oliveira, moradora ao cabo da Vila, na Conceição, filha de Mestre Manuel de Oliveira, Serralheiro. Antes de casar, tendo já aprendido o ofício, 'haveria de ter 18 anos', pois 'foi uns três anos antes de dar o nó', montou oficina em Água de Pau 'onde lhe tinham dito que havia necessidade de Ferradores. De lá ia e vinha jogar e namorar à Ribeira Grande.' Ao casar, o sogro 'deu-lhe uma tenda na Ribeira Seca', porém, 'cedo regressou a Água de Pau.' Então 'arrumou as botas',

apesar de uma participação fugaz no 'Rambóia', grupo do primo Freitas, já não inaugurando o campo do Rosário a 22 de Outubro de 1933, ao contrário do que uma fotografia tirada antes da comitiva de atletas e de dirigentes desportivos se dirigir ao novo campo parece indicar. Por dificuldades do foro oftalmológico, 'não vejo nada', não o confirmou. Porém, outros testemunhos confirmaram-no. Será a fotografia anterior?

'Como a vida estivesse difícil, estava começando o movimento de carros, as carroças estavam a desaparecer, as bestas já não se ferravam, aos cinquenta e um anos troquei Água de Pau pela Califórnia, onde tinha ido o meu irmão mais velho, Artemísio Ferreira Grotta, era eu ainda um pequeno de três anos. E ele uns dezasseis. Éramos três irmãos: do Artemísio ao segundo, o Manuel, o que jogou na Fábrica da Ribeirinha, eram seis anos de diferença, e deste a mim, outros seis.' Em 1996, quando o entrevistámos, era um octogenário com 4 filhos, 12 netos e 8 bisnetos. Em 2002, desconhecemos o seu paradeiro. Queira Deus que esteja bem.

NANA

- > Roupa de criança
- > Lingerie
- > Roupa de senhora
- > Sapataria
- > Peles

Rua Sousa e Silva n.º 58
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE
Tel.: 296 474 563

MODE

Diálogos: *Hermano Ferreira Grota, José da Silva Tavares e*

MM: Que idade tinha quando 'montaram' o Ideal? Foi em 1931, 1932 ou 1933?

HG: Eu não devia ter bem 16 anos (Testemunho, 12.06.1996). (Lembra-se de ter feito 17 naquele ano ou no seguinte?) Agora não, não me lembro. (Testemunho, 20.06.1996) (Diz-se no Ideal que o dia é o 2 de Fevereiro de 1931) Eu fui dos primeiros a ir para o campo (Testemunho, 20.06.1996). (Mas tem a certeza que tinha 16 anos?) Eu tenho quase a certeza. Eu penso que a gente tinha ido jogar no dia de festa de Nossa Senhora da Estrela, ou foi um Domingo depois. Foi uma coisa assim, porque eu não podia subir as escadas (...). Eu penso que a primeira vez que a gente foi ao campo foi perto da festa de Nossa Senhora da Estrela. Há que haver alguma coisa escrita por lá! (Testemunho, 29.08.1996).

JT: O Salão Ideal (Ponta Delgada) tinha ardido (em 1930) (Testemunho, 25.06.1996). Primeiro a gente montou o Ideal: eu (José da Silva Tavares), Hermano Grota, Manuel da Costa, o Manuel 'Consola', também pertencia porque ele jogava, o José Zeferino, também era *back*, o José Zeferino do Ideal, montámos por aí, eu tinha 19, 18, compreende (Testemunho, 25.08.1996)? (Mas em que mês e dia?) Isto agora vai atrás dele. Eu tinha 18 anos (Testemunho, 25.06.1996). (Insisti quatro dias depois) Foi num dia qualquer extraordinário em que a gente veio por lá abaixo (...) (Testemunho, 29.08.1996). Eu tinha 18 anos quando começamos a montar o grupo Ideal. Eu ainda não tinha ido para a tropa. Fui com vinte anos, no dia 5 de Março de 1934 (Testemunho, 28.08.1996). O Ideal nasceu, para aí em 32, 33 (Testemunho, 29.06.1996).

MR: (Que idade tinha quando deu o nome?) Sei lá. Eu não me recordo que idade é que tinha: 15 ou 16? (Nasceu em 1916. Testemunho, 28.08.1996)

MM: Quem fundou o Ideal Sport Club?

HG: Havia um grupo de rapazes de 11, 12, 13, 14 anos, que começou a jogar no Largo de Santo André, logo abaixo de onde morávamos, no Largo da igreja do Rosário, no Adro das Freiras e por aí. Com outros grupos de rapazes. Até fomos jogar ao Areal de Santa Bárbara. Já maiores, querendo formar um grupo a sério, fomos pedir ajuda a várias pessoas. Assim, lembro-me só do Sr. Gil (Gildo Furtado) Paiva (18.03.1910- 02.01.1993), que trabalhava no Sr. Américo 'Picheleira' (Américo Aires Teixeira, largo Gaspar Frutuoso, n.º 21), defronte da Cascata; do Mestre Manuel Lucas (20.10.1907- 27.10.1977, e ainda parente de Hermano Ferreira Grota), o meu mestre; do Mestre Manuel da Costa Morais (18.02.1913 - 23.01.1990), meu primo, Sapateiro, do Mestre José Leite Cabral, Sapateiro, cunhado de Mestre Manuel da Costa. A princípio foram só os rapazes que jogavam connosco na rua, mas, porque o primeiro grupo era fraco, graças ao Manuel 'Garrido', Manuel de Sousa 'Garrido' (27.03.1902 - 24.02.1970), cunhado do Gil (Furtado) Paiva, que era 'cabo dos cantoneiros', era uma pessoa 'desenrascada', tinha homens à sua conta, conseguimos ir buscar bons jogadores ao Águia e a outros lados. O grupo melhorou muito (Testemunho, 20.06.1996).

MM: Quem, quando e por que se escolheu o nome Ideal?

HG: (Foram) aqueles que tinham amor ao grupo que formaram (...). Alguns lembraram-se deste nome e todos concordaram. Eu não. Os jogadores não tinham nada com aquilo. É Ideal, é Ideal. Eu achei o nome bom. Ideal, mas não fui eu quem pôs este nome, nem eu nem os jogadores (Testemunho, 20.06.1996). (Confrontado com a atribuição de José Tavares e a de Manuel Rego respondeu) Não estou bem certo disso. Já se informou com mais alguém a respeito disso? (Testemunho 29.08.1996)

JT: O Salão Ideal tinha ardido na Cidade (1930), e o Hermano Grota disse vai ser Ideal, e ficou sendo Ideal (...) Vínhamos do clube do Lusitânia na casa do José Cabral, pelo outeiro abaixo (rua do Passal). (Testemunho, 25.06.1996).

MR: (Houve um Ideal antes do vosso?) Não, não! Eu nunca conheci outro Ideal, porque fui eu próprio a dar o nome ao grupo. E eles diziam: é agora Ideal!, que nome é esse Ideal! Mas ficou por Ideal e ficou sempre Ideal. Foi Ideal porque deveria ser uma coisa ideal. Não haverá melhor nome do que esse. (Falei-lhe das versões de José Tavares e de Hermano Grota) O salão Ideal talvez. Não senhor, nada disso! Eu conheci o Salão Ideal! Quando o conheci foi muito depois do Ideal daqui (...) Dar o nome pelo Salão de Ponta Delgada? Não pode ser de maneira nenhuma, porque eu é que dei o nome. Eu tinha para aí 15 ou 16 anos. Ao depois, o Gildo Furtado Paiva foi para a direcção com outros (...). Nessa altura eu já me tinha desligado disso tudo (Testemunhos: 28.08.1996 e 2.05.2002).

MM: Equipamento: 'Batação', 'Pingão' ou 'Arrenca'? Compra ou oferta?

HG: (O senhor explicou-me, 12.06.1996, que quem trouxe o primeiro equipamento do Ideal foi um tal senhor de apelido Batação, morador na rua das Pedras. Recordar-se do seu primeiro nome?) Não, não. Ele era conhecido por Batação. (Explique lá) Começaram a falar que o Batação tinha trazido uma 'equipe' da América, como já se sabe, o Gil (Gildo) Furtado e outros falaram com ele. Não tinha emblema nem tinha escrito o nome Ideal (o nome foi colocado posteriormente). Os peúgos não tinham biqueira nem calcanhar. A 'equipe' era verde e branca. O senhor tem uma 'equipe'? É que a gente queria formar um grupo, e se nos quisesse ajudar dava isto à gente. Com certeza que foi assim que eles falaram. Ele disse, sim senhor. (Ofereceu?) Sim, camisa, calção e os ditos peúgos com os pés de fora (...) O Gildo Paiva fez as caneleiras. (Um Batação da rua Medeiros Correia?) Não, foi um outro Batação, da rua das Pedras. Morava perto do Gildo Paiva (Testemunho, 20.06.1996). (Seria Arrenca?) Manuel Arrenca? Há aqui uma confusão. Foi o Pingão (agora é ele quem confunde, já não refere Batação) (Testemunho, 29.08.1996).

JT: (Já lhe perguntara se tinha sido oferecido. Respondera: comprado. A quem compraram o equipamento do Ideal?) Sei lá! Uma vez (quando?) o Ideal comprou uma 'equipe' (equipamento) ao Manuel 'Arrenca', que tinha vindo da América e trouxe consigo uma 'equipe' de lã com as meias. Era verde e branco. Morava ali, onde está hoje morando o José Maia (rua Eduíno Rocha, n.º 23). Era irmão do Pedro 'Arrenca' (...). Ele é que vendeu aquela 'equipe' ao

Ideal. O 'Buraca' (António Santos teria 14 anos em 1933?) já era guarda-redes nessa altura (...) (Testemunho, 25.08.1996). Antes (do equipamento novo), acho que (se jogava) com camisas, branca, camisas de meia da cor (das) do Lusitânia. Não foi encomendado, ele (Arrenca) trouxe aquilo consigo. O Gildo, o Manuel 'Consola' e o Hermano Grota, o Manuel Costa, eu não fui pois já estava 'guerreado' (Testemunho, 29.06.1996). (Foi o) Manuel Arrenca. O meu tio (António Tavares de Medeiros, o apelido da família é 'Pingão'), pai da esposa do Sr. Maia, morava na rua das Pedras (Sousa e Silva n.º 66) e veio da América. Isso deu-se em 1935. Eu já tinha estado na tropa, tinha 21 anos. Quando comprámos o equipamento eu tinha 18 anos. (Testemunho, 29.06.1996).

Maria do Carmo Tavares Medeiros Maia, filha de António Tavares de Medeiros, prima de José Tavares, diz que esteve na América, em Cambridge, de onde regressou à Ribeira Grande nos princípios de



José da Silva Tavares, (n. 21.11.1913) - f. 9.11.1999)

Setembro ou finais de Agosto, teria 10 anos. 'Fomos morar para a rua de Sousa e Silva (n.º 66). Faço 72 anos em Agosto, (entrevista a 2 de Julho de 1996). Mas não me lembro de meu pai ter trazido nenhum equipamento. Já passaram tantos anos.' Encontrámos a família Tavares a residir na rua de Sousa e Silva (Pedras), na Quaresma de 1936, porém, como se desconhece o paradeiro do rol de 1935, e como regressaram em Agosto ou Setembro, poderá ter sido em 1934 como em 1935. Ora, parece mais razoável supor que o equipamento em causa terá sido comprado ou oferecido antes de 22 de Outubro de 1933. Por duas razões. Uma, porque o Ideal estreou o campo do Rosário naquela data, com o que parece ser um equipamento novo, conforme se vê em fotografia tirada naquela data, outra, porque, como consequência do malogro do citado estádio, em 1935 tudo parece indicar que a prática de futebol organizado na Ribeira Grande estagnou ou parou.

MM: Quem e onde fez as primeiras botas do Ideal? Manuel da Costa mais outros, incluindo José Tavares, ou este último, incluindo outros, sem especificar a tenda de Manuel da Costa nem Manuel da Costa?

HG: (Manuel da Costa) foi fundador do

grupo, não jogava, mas auxiliou a levantar o grupo. Foi um grande ajudante. Ajudou bastante a fazer botas para a gente jogar. Ele, o José Leite (cunhado), o Germano da Costa (também?). Ele era novo mas ajudou (Testemunho, 20.06.1996) (Na altura Germano da Costa, a ser em 1933, não teria mais do que sete anos). Fizeram (as botas) na tenda de Manuel da Costa (Morais), que ficava defronte da vitrine do Teatro, ao lado do Café do Jaime Terceira (Central, rua El-rei D. Carlos I, n.º 21). Mais outros mestres. O António Cabral, que era também Sapateiro, morava na rua do Espírito Santo, também ajudou. Era para pagar, mas como o grupo não ganhava nada, e como havia grande entusiasmo, coitados pagaram da sua algibeira. Acabaram por fazer uma oferta.

O principal, o maior tempo, foi atrás das botas e da bola, foi o maior tempo, a maior espera (...). A gente já tinha a roupa, faltava era o calçado e a bola. Não (o) fizeram numa semana. Uns davam uma coisinha, outros davam outra, para comprar o couro e a sola

para as botas. (Quem dava?) Os partidários. Os Sapateiros não levavam nada pelas suas mãos. Trabalhavam aos bocados. Saíam de casa com a sua vestimenta e iam para a tenda do Manuel da Costa (Morais). Dizia-se: a Matriz precisa de uma equipa nossa e as pessoas contribuía (dá a impressão que, em Abril de 1933, estão filiados na Liga Desportiva Ribeiragrandense, enquanto se prepara o campo do Rosário, esforcem-se em obter botas, bola e equipamento, para actuarem na inauguração do campo do Rosário, em 22 de Outubro de 1933).

JT: Eu é que arranjei as botas para o Ideal, eu mais o José Maré e o António Cabral, porque eles não tinham botas. Uma vez, por necessidade, eu tirei as minhas botas e emprestei-lhes. Eles 'escarolaram-me' as botas. Foi o tema de eu ficar ruim com eles e ir fundar o União Campestre, para os Foros. Antes jogava-se descalço. (Testemunho, 28.08.1996). Em 25, daquele mês, já adiantara que, eles não tinham dinheiro para as botas, eu como era Sapateiro, eu é que arranjava as botas e pregava tacos, o António Cabral também, o José Maré, a gente todos assim (...).

MM: Onde e quem fez a primeira bola do Ideal?

Manuel do Rego



Hermano F. Grotta, (n. 12.06.1914)

Manuel do Rego, (n. 10.05.1916)

HG: Foi o José Leite (aliás, José Paiva Cabral, cunhado de Manuel da Costa e também primo de Hermano Grotta, nasceu na Conceição: 20.04.1913-1994). Exactamente, foi a primeira bola. Não havia outra. (qual era o aspecto dela?) Era feita de couro. Já se sabe, quando chovia era como um saco de plástico cheio de água. Quando batia no chão ficava colada, não pulava. Veja lá o que a gente penava (...), além do campo não prestar, que era a praça dos porcos e das reses (...). (onde a fez Mestre José Leite, na sua oficina?) Ele trabalhava por conta de outro. Mas ele foi para a oficina do meu primo Manuel da Costa (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 21), nas horas vagas, horas fora do trabalho, a fazer as botas e a bola para o Ideal (Testemunho, 20.06.1996).

MM: Onde se situava e qual era o aspecto da primeira sede do Ideal?

HG: O Arsénio Bravo, que trabalhava numa loja de fazendas, defronte do jardim (Loja do Sr. Ernesto Silva, de Vila Franca do Campo, largo Conselheiro Hintze Ribeiro, números 6 e 7. Nasceu na Matriz em 25.12.1907 (?) e faleceu em Janeiro de 1956 (?)). Em Abril de 1929 era Tesoureiro do *Estrela Sport Club*. Na Quaresma de 1933, residia na rua Sousa e Silva e na seguinte na rua Medeiros Correia), perguntou-me se o meu pai estava disposto a ceder uma casinha baixa, ao lado de cima da que morávamos (rua do Conde Jácome Correia n.º 59). Respondi-lhe que fosse falar com ele. Lá ficámos. A minha mãe lavava as roupas. Era um quarto pequeno onde nos equipávamos e de onde saímos para o primeiro jogo. Para se mudar de roupa e fechar a porta. Chegou lá a ir um árbitro de Ponta Delgada (Sr. Manuel Albano Botelho) falar sobre o jogo, como é que devíamos estar no campo. Não tinha quarto de banho, nem lugar onde se urinasse. Não tinha nada! Era de sobrado, não tinha quintal, mas havia uma porta fechada que dava para trás. (Na frente) uma porta estreita e uma janela. As roupas eram postas em cima de bancos ou cadeiras, já não me lembro bem. Era minha mãe quem as lavava. A gente já utilizava aquilo antes, antes de irmos pedir ao Sr. Gil Paiva para formar o grupo. Jogávamos às cartas e conversávamos. Rapazes! (Testemunho, 20.06.1996).

JT: Quando o Ideal começou a sede era na rua Direita de Santo André (hoje rua Conde Jácome Correia), numa casa que era do Hermano Gota e que é hoje (a tenda) do

Eduino Piques (é o n.º 59 e está modificada) (Testemunho, 25.08.1996).

MR: Foi lá que dei o nome ao grupo. Era ao lado de cima da casa do pai do Hermano Grotta. Íamos para lá nos entreter a conversar e a jogar às cartas, ainda antes de ser a sede (Testemunho, 3.05.2002).

MM: E o primeiro jogo, onde quando e com quem foi?

HG: O primeiro jogo que fizemos, perdemos por 7-1 com o Águia, na 'praça dos porcos' (rua do Estrela). (Foi corroborado por Manuel do Rego e José da Silva Tavares, entre outros). Eu não deveria ter bem 16 anos ainda. Fomos já equipados à frente da Banda dos Cães (Triunfo), todos cheios de mania para levar 7-1 do Águia. Depois do desafio, eu mais uns amigos meus precisámos de subir os degraus da Matriz da Ribeira Grande, custou a chegar lá cima, com dores nas pernas. A gente não tinha treino, era chegar e jogar. O Águia era mais antigo, um, dois, três ou quatro anos, não sei bem, já estavam habituados. O Gil (refere-se a Gildo Paiva) Paiva, mais outros, foram pedir desforra. No segundo Domingo, para a desforra, quando estávamos a ganhar por 2-1 aos 'tarraços', como eles já não estavam a gostar, houve qualquer coisa e o jogo ficou por ali mesmo. Eu joguei a *half esquerdo*. O Armando (Hermano?) Pereira a *half direito*. Era baixo como eu. Acabou por ir para a América. Joguei dois anos e depois fui morar para Água de Pau. Não tínhamos tido nenhum treino. Durante a semana mal podia andar.

O campo era riscado como os campos são e o povo estava ali, já se sabe que não podiam passar daquele risco, mas quando davam por si, já estavam no meio do campo. Ao depois, fugiam para trás. Como aparecia lá o Ezequiel 'Joanica', que era Sapateiro e muito nervoso, muita gente ia lá só para o ver!, o jogador dava um pontapé, ele também dava, a gente ria, ria, depois ele ia entrando no campo, e quando estava lá para dentro sozinho, o povo ria ainda mais, com o jeito dele. A Senhora dele morreu agora há pouco tempo (Testemunho, 20.06.1996).

(continua no próximo número)

Em busca do Ideal I

Nascimento: 'o Ideal Velho'

Conhecem-se duas versões acerca dos fundadores, do dia e do ano da fundação do Ideal. A primeira versão, que aponta o dia 2 de Fevereiro de 1931, sem indicar os fundadores, surge em todos os impressos oficiais do clube a partir da década de quarenta, mas não vem referida nos primeiros ofícios conhecidos da década de trinta, nem nos Estatutos do clube (1951 e 1963), nem sequer em nenhuma outra documentação escrita conhecida. Aliás, exceptuando um ofício inédito de 1933, uma carta manuscrita dos proprietários do Campo do Rosário, de um cartaz de 1933 e de duas ou três notícias vindas a lume em jornais, desconhecem-se outras referências escritas aos primórdios do Ideal. Esta versão, assim, fundamentar-se-á na tradição oral veiculada pelos adeptos mais antigos do clube, sem, todavia, apresentar quaisquer provas. Ou seja não indicam sequer os autores da afirmação. Vem repetida, sem quaisquer comentários, em artigo de 1981, da autoria de Abílio Baptista denominado *Quatro clubes da Cidade. Pólos de desenvolvimento desportivo da Ribeira Grande.* (Correio dos Açores, 29.06.1981). Uma segunda versão, de que existiria um Ideal fundado por Manuel 'Garrido', aliás Manuel de Sousa Pereira, antes de 1931, e de um novo fundado posteriormente por Manuel da Costa Furtado Ponte, é adiantada por Armindo Moreira da Silva, em artigo intitulado *Redescobrimo o futebol na Ribeira Grande* (Correio dos Açores, 22.08.1996), porém, não adianta igualmente quaisquer provas. A este respeito, numa entrevista ao Sr. José da Silva Tavares, ocorrida em 1996, quando lhe inquirimos acerca de quem teria sugerido o nome Ideal, José da Silva Tavares adianta que tal tinha sucedido quando vinham 'do clube do Lusitânia, na casa de José Cabral.' E, questionado acerca da existência de um Ideal anterior a 1931, respondeu, sem hesitar, 'não.' Hermano Ferreira Grotta e Manuel do Rego, membros do núcleo inicial Idealista, corroboraram a inexistência de um Ideal anterior ao seu. Não se conhece o Livro de Roteiros Quaresmais para o ano de 1931, todavia, na Quaresma de 1930, Manuel de Sousa Pereira está arrolado na rua do Saco. E na de 1933, na rua do Passal, mas não na casa actual da família. De acordo com D. Liliana Teixeira, sua filha, terá casado com 26 ou 27 anos, em 1927 e 1928, permanecendo um ou dois anos a residir em casa da mãe, ou próxima da da mãe, na rua do Saco. Só cerca de 1942 foi residir para a casa actual da família (rua do Passal n.º 18). Em ofício datado de Abril de 1929, (será ele?) aparece um Manuel de Sousa Pereira como vogal da Direcção do *Águia Sport Club*, presidida por Francisco Justino Machado, e cuja sede se localizava então na rua Conde Jácome Correia, na mesma em que nasceria o Ideal. A alusão ao período pós-incêndio do Cine-Teatro Ideal, acontecimento que teve lugar em 1930, em Ponta Delgada, como algo que terá sugerido o nome Ideal, conforme testemunho de José da Silva Tavares, ainda que negada por Manuel do Rego, parece sugerir a criação do Ideal em data posterior à ocorrência do incêndio de 1930.

Apresentaremos outras quatro versões: as três primeiras, correspondem aos depoimentos de Hermano Ferreira Grotta, alegadamente *half back esquerdo* da primeira equipa do Ideal, de José da Silva Tavares, nasceu em 21.11.1913 e faleceu em 9.11.1999, que fez as botas ou ajudou a fazer as botas do primeiro Ideal e se afastou por divergências, e de Manuel do Rego, nasceu em 10.05.1916, e alega ter dado o nome ao grupo e não participou no primeiro jogo por o pai o proibir. Sucede que, a data da fundação do Ideal surge intimamente ligada à idade que os nossos protagonistas alegam ter na altura: 18 anos para José da Silva Tavares, portanto teria sido em 1931, mas depois diz que teria sido em 1932 ou 1933, não teria 16, mais tarde posto em dúvida pelo próprio, para Hermano Ferreira Grotta, seria em 1930, e 15 ou 16 para Manuel Rego, seria em 1931 ou 1932.

Mas coincidem quanto ao local da primeira sede, casa do pai de Hermano Ferreira Grotta, ao primeiro responsável, Sr. Gildo Paiva Furtado, ao objectivo do nome Ideal e a quem fez a primeira bola, Mestre José Leite, aliás Paiva Cabral, à origem americana do equipamento e à sua cor verde e branca e à tenda de Mestre de Manuel da Costa como o local onde se fizeram as primeiras botas. Discordam quanto a quem pôs o nome, a quem terá feito as primeiras botas e a quem terá trazido o equipamento.

A utilização em História de fontes orais obriga o Historiador a ter em conta, entre outros, por um lado, a dinâmica (re)criativa da memória, por outro, o esquecimento e a confusão. Pelo que, só confrontando os depoimentos orais com documentos escritos se poderá aceder com mais segurança aos factos.

Uma quarta, a primeira referência escrita conhecida, menciona o nome *Ideal Sport Club* num ofício datado de 21 de Abril de 1933 (ofício enviado pela direcção da Liga Desportiva da Ribeira Grande, a dar conhecimento da sua existência, à Associação de Futebol, de S. Miguel, em que declara: '[...] António Furtado (representante), pelo Ideal Sport Club.' A segunda referência escrita conhecida veio a lume no Jornal ribeiragrandense *A Razão*, propriedade de Fábio Moniz de Vasconcelos, Presidente da Liga Desportiva Ribeiragrandense, onde se noticia a participação do Ideal no jogo inaugural do Estádio do Rosário (terrenos hoje ocupados pelo Posto Agrícola – Depoimento de Manuel Meneses Silva, 79 anos, 1.05.2002), frente ao *Águia Sport Club*, no Domingo, 22 de Outubro de 1933, pelas 15 horas.

É de admitir, que os primeiros passos do Ideal, data da fundação, etc., de acordo com os depoimentos dos senhores Hermano Ferreira Grotta, José da Silva Tavares e Manuel do Rego, pelo facto de desconhecermos outros, ou outras fontes escritas anteriores a 21 de Abril de 1933, a não ser que se descubram novas provas, continuarão a ser algo misteriosos. Nos primeiros tempos, ainda antes do grupo inicial de rapazes ter escolhido o nome Ideal, ainda antes de ter convidado o Sr. Gildo Furtado Paiva a organizar o grupo, sem equipamento, ou usando simples 'camisas de meia branca', joga futebol. Mais tarde, alguns deles jogam no Ideal. Porém, que se saiba, nada deste período ficou registado em jornais ou outros documentos, a não ser na memória, hoje difusa, ambígua e contraditória dos intervenientes sobreviventes, ou então houve mas perdeu-se-lhe o paradeiro.

No estado actual da pesquisa, poder-se-á propor, com cautela, que antes de 21 Abril de 1933, já existiria o Ideal. Quando exactamente, não se sabe. Poderá ter sido em 1932, ou 1931, ou até antes.

A Rapaziada do Ideal



Gildo Furtado Paiva, 1º Presidente
(n. 18.03.1910 f. 2.01.1993)



Manuel da Costa Morais
(n. 18.02.1913 f. 23.01.1990)



Arsénio da Silva Bravo
(n. 1907 f. 1956?)



Manuel de Sousa Pereira
(n. 27.03.1902 f. 24.02.1970)



Manuel Cabral Lucas
(n. 20.10.1907 f. 27.10.1977)



José Paiva Cabral
(n. 20.04.1913 f. 4.11.1994)



Primeira sede do Ideal, rua Conde Jácome Correia, n.º 59, actual tenda de carpintaria de Mestre Eduíno Piques



Antiga tenda de sapataria de Mestre Manuel da Costa, rua El-Rei D. Carlos I, n.º 21 onde foram feitas as primeiras botas e bola